

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - *CAMPUS* SOROCABA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS - CCHB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EDUCAÇÃO - DCHE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA



PRISCILA MENDES DO NASCIMENTO

**DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
dilemas e ambiguidades da prática**

Sorocaba-SP

2022

Priscila Mendes do Nascimento

Datas Comemorativas na Educação Infantil:
dilemas e ambiguidades da prática

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Federal de São Carlos, em
cumprimento às exigências para a
obtenção do grau de Licenciada em
Pedagogia.

Área de Concentração: Educação.
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Walburga
dos Santos

Sorocaba-SP

2022

Nascimento, Priscila Mendes do

Datas comemorativas na educação infantil: dilemas e
ambiguidades da prática / Priscila Mendes do
Nascimento -- 2022.
62f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus Sorocaba, Sorocaba
Orientador (a): Maria Walburga dos Santos
Banca Examinadora: Andréia Regina de Oliveira
Camargo, Thaise Vieira de Araújo
Bibliografia

1. Educação infantil. 2. Datas comemorativas. 3.
Pedagogia participativa. I. Nascimento, Priscila Mendes
do. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 7/2022/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso

Folha Aprovação (GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

PRISCILA MENDES DO NASCIMENTO

DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DILEMAS E AMBIGUIDADES DA PRÁTICA

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Sorocaba, 30 de setembro de 2022

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Maria Walburga dos Santos, Dr. ^a
Membro da Banca 1	Prof. ^a Andréia Regina de Oliveira Camargo, Dr. ^a
Membro da Banca 2	Prof. ^a Thaise Vieira de Araújo, M. ^a



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 30/09/2022, às 17:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **0823259** e o código CRC **6C2E7F07**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.034716/2022-62

SEI nº 0823259

Modelo de Documento: Grad: Defesa TCC: Folha Aprovação, versão de 02/Agosto/2019

DocuSigned by:

Andréia R. O. Camargo

2A70B4E13AA5475...

Prof.^a Andréia Regina de Oliveira Camargo, Dr.^a

DocuSigned by:

Thaise V de Araujo

5AC9EA58053D4C3...

Prof.^a Thaise Vieira de Araújo, M.^a

AGRADECIMENTO

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado forças para passar por esse processo mais uma vez e me ajudado em todos os momentos, sempre me abençoando, me guiando e me guardando de todo o mal.

Agradeço a minha família por todo apoio que se manifestou de diversas formas, mas principalmente por meio de caronas e refeições quentinhas, sem as quais não teria conseguido vencer esses mais de cinco anos. Mãe, Pai e Diego, amo vocês!

Às minhas amigas de curso e de estágio, que foram companheiras imprescindíveis para o sucesso desse longo processo. Dividimos alegrias, tristezas, ansiedades, frustrações, reflexões e nos incentivamos a sempre continuar, e agora, dividimos nossas conquistas. Minhas queridas amigas Drielly, Tamires, Jin Kyong Karina, Bruna Fernanda, Micaele e Alice, vocês foram e são essenciais na minha caminhada.

Em especial agradeço minha querida orientadora Maria Walburga dos Santos por quem nutro respeito e admiração. Sou grata por todo o incentivo, companheirismo, paciência e guia que me deu para que esse trabalho pudesse ser realizado.

Agradeço a todas minhas professoras e professores do curso de Pedagogia da UFSCar – Sorocaba, que compartilharam e construíram conhecimento junto de nós durante essa jornada contribuindo para nossa formação como educadoras.

A todos que de alguma forma contribuíram para que eu pudesse chegar até aqui: minha eterna gratidão.

Life before death. Strength before weakness. Journey before
destination.
(Brandon Sanderson)

RESUMO

A presente pesquisa busca conhecer, aprofundar e divulgar posicionamentos de professoras da educação infantil de Sorocaba-SP a respeito do papel das datas comemorativas na educação infantil hoje. Para tanto, foi necessário a partir de metodologia qualitativa, realizar três tipos de pesquisa: bibliográfica, pois foi necessário consultar textos acadêmicos a respeito dos assuntos pesquisados; exploratória, já que a pesquisa se deu com professoras; e documental, pois foram consultados documentos oficiais que norteiam o trabalho desenvolvido na educação infantil. A bibliografia se baseou em autores como Ostetto, Oliveira-Formosinho e Maia, entre outros. Dentre os documentos consultados nos baseamos principalmente nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs. Iniciamos a reflexão a partir de uma retomada acerca dos objetivos da Pedagogia Tradicional em contraste com os da Pedagogia Participativa, compreendendo que a definição de criança trazida pelas DCNEIs vai de encontro com os objetivos da segunda. Voltamos nosso olhar para a presença das datas comemorativas na educação brasileira, além de discutirmos currículo e planejamento na educação infantil a partir do uso das datas comemorativas. A pesquisa exploratória se deu por meio de questionário exploratório enviado e respondido de forma remota e anônima, onde obtivemos dados sobre o perfil, a formação, tempo de atuação e os posicionamentos das professoras participantes a respeito da temática das datas comemorativas na educação infantil. A partir da leitura, categorização e análise dos dados, compreendemos que a maior parte das professoras participantes considera importante o trabalho pedagógico a partir de datas comemorativas na educação infantil. Os dados obtidos e analisados indicam que se faz necessário uma maior reflexão sobre o trabalho pedagógico realizado na educação infantil a partir de datas comemorativas, não só por parte das professoras, mas por toda a comunidade escolar ligada à educação infantil.

Palavras-chave: Educação Infantil. Datas Comemorativas. Pedagogia Participativa.

ABSTRACT

The present research seeks to know, comprehend and disseminate the stance of early childhood education teachers in Sorocaba-SP regarding the role of commemorative dates in early childhood education today. For that, it was necessary, based on a qualitative methodology, to carry out three types of research: bibliographic, since it was necessary to consult academic texts about the researched subjects; exploratory, since the research was carried out with teachers; and documentary, as official documents that guide the work developed in early childhood education were consulted. The bibliography was based on authors such as Ostetto, Oliveira-Formosinho and Maia, among others. Among the documents consulted, we were mainly based on the National Curriculum Guidelines for Early Childhood Education (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEIs). We started the reflection from a resumption of the objectives of the Traditional Pedagogy in contrast to those of the Participatory Pedagogy, understanding that the definition of child brought by the DCNEIs is in line with the objectives of the second. We turn our gaze to the presence of commemorative dates in Brazilian education, in addition to discussing curriculum and planning in early childhood education based on the use of commemorative dates. The research took place remotely and anonymously, where we obtained data about the participating teachers on their training, how long they have been working on the field and their stance regarding the theme of commemorative dates in early childhood education. From the reading, categorization and analysis of the data, we understand that most of the participating teachers consider the pedagogical work from commemorative dates in early childhood education to be important. The data obtained and analyzed indicate that there is a need for greater reflection on the pedagogical work carried out in early childhood education when it comes to basing it on commemorative dates, not only by the teachers, but by the entire school community linked to early childhood education.

Keywords: Early Childhood Education. Commemorative Dates. Participatory Pedagogy.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade de professoras atuantes na rede pública e na rede privada.....	31
Gráfico 2 - Faixa etária das professoras participantes na pesquisa.....	32
Gráfico 3 - Quantidade de tempo trabalhando na educação infantil.....	32
Gráfico 4 - Quantidade de professoras que trabalham com datas comemorativas.....	33
Gráfico 5 - Motivos pelos quais as professoras trabalham com datas comemorativas.....	34
Gráfico 6 - Datas comemorativas trabalhadas pelas professoras respondentes.....	37
Gráfico 7 - Quantidade de professoras que tiveram ou não conteúdos relacionados às datas comemorativas durante sua formação.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Preocupação com saber histórico.....	34
Quadro 2 - Preocupação com questões específicas.....	35
Quadro 3 - Motivos pelos quais não trabalham a partir de datas comemorativas.....	36
Quadro 4 - Outras comemoradas e quantidade de professoras que as desenvolvem.....	38
Quadro 5 - Datas comemorativas no magistério.....	39
Quadro 6 - Opiniões acerca da cultura e história.....	40
Quadro 7 - Opiniões relacionadas a comercialização.....	41
Quadro 8 - Opiniões que questionam o uso das datas comemorativas.....	42
Quadro 9 - Outras opiniões e relatos.....	43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PARA INICIAR A REFLEXÃO	13
2.1: ENTRE PEDAGOGIAS: TRANSMISSÃO OU PARTICIPAÇÃO?	15
3. CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3.1 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
3.2 DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO	21
3.3 PLANEJAMENTO A PARTIR DE DATAS COMEMORATIVAS	25
4. METODOLOGIA.....	28
5. DO QUESTIONÁRIO	31
5.1 POSICIONAMENTOS DAS PROFESSORAS	33
5.2 DOS MOTIVOS	34
5.3 DATAS COMEMORADAS	36
5.4 PRESENÇA DAS DATAS COMEMORATIVAS NA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS	38
5.5 OPINIÕES DAS PROFESSORAS SOBRE AS DATAS.....	40
5.6 MAIS OPINIÕES E RELATOS.....	43
6. ANÁLISE E RESULTADOS	44
7. DATAS COMEMORATIVAS E O POSICIONAMENTO DAS PROFESSORAS: AMBIGUIDADES DE UMA PRÁTICA	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊNDICE A - TCLE	58
APÊNDICE B - Questionário	59

1. INTRODUÇÃO

A educação é permeada pela história e culturas presentes em um país, sendo que as duas últimas podem aparecer de diferentes formas na escola da infância (creche e pré-escola), primeira etapa da educação básica. As datas comemorativas trazem a oportunidade de voltar o olhar ao passado e refletir sobre o presente, considerando quais mudanças ocorreram com o passar do tempo e questionando caso pouco tenha sido alterado. No entanto, ao pensar na educação infantil, não nos parece apropriado que algumas datas comemorativas sejam desenvolvidas e outras completamente ignoradas.

São muitos os fatores que questionamos em relação à prática pedagógica com datas comemorativas. Faz-se necessário compreender o histórico da educação infantil e porquê as datas comemorativas são trabalhadas com crianças pequenas, sendo que em documentos que norteiam a prática educativa na educação, como as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (2010) e a “Base Nacional Comum Curricular” (2017), o termo “datas comemorativas” não chega a aparecer.

Em “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (2009), o seguinte direito é elencado:

Nossas crianças, de todas as idades, participam de comemorações e festas tradicionais da cultura brasileira: carnaval, festas juninas, natal, datas especiais de nossa história (p. 27)

Dessa forma compreendemos que conhecer sua própria cultura é essencial às crianças pequenas, mas de que formas isso será desenvolvido e se os direitos das minorias também serão respeitados ainda é um motivo de preocupação.

Durante nossa infância tivemos muitas aulas desenvolvidas a partir de datas comemorativas. Em nossas lembranças estão momentos em que tivemos que parar de fazer alguma proposta que estava em andamento para às pressas pintar um desenho mimeografado, refletindo o porquê daquela situação. “Por que temos que parar de fazer o que já estamos fazendo para pintar um desenho de coelho? Não faz sentido!”. Assim, nossos questionamentos acerca da presença das datas comemorativas na educação se iniciou.

Através do trajeto que percorremos nos estágios remunerados e supervisionados, temos nos deparado com as datas comemorativas sendo desenvolvidas de forma mecânica, sem a real presença e participação das crianças. Num trabalho em que o centro é o produto final que será entregue a um adulto, e não a relevância dos temas para as crianças, as opiniões dos pequenos são desconsideradas.

Se é papel da educação estar ligada à realidade em que as crianças estão inseridas, é dever dela ouvir, considerar e incluir o que as crianças trazem consigo e compartilham no ambiente educativo. Assim, conforme Oliveira-Formosinho (2007), precisamos de uma

pedagogia transformativa, que credita a criança com direitos, compreende a sua competência, escuta a sua voz para transformar a ação pedagógica em uma atividade compartilhada. (p. 14)

Considerando todos esses fatores, nos perguntamos de que formas as professoras compreendem as datas comemorativas na educação em relação à sua relevância para as crianças e para elas mesmas?

Nesta pesquisa procuramos responder essas questões por meio de pesquisa exploratória feita através do meio virtual, respeitando o distanciamento social necessário, devido à situação pandêmica em que a sociedade se encontra. Assim, utilizamos a ferramenta *Google Forms* para construir o questionário exploratório e a partir dele as professoras participantes responderam as questões. Enviamos o questionário para diversos grupos no aplicativo *Whatsapp*, sendo grupos relacionados ou não à educação. Deixamos claro que a pesquisa se dava somente com professoras da rede de ensino de Sorocaba-SP.

A pesquisa trouxe a oportunidade de conhecer a respeito e aprofundar-nos no assunto das datas comemorativas na educação infantil brasileira, um tema que necessita ser alvo de mais pesquisas para que possamos compreender mais sobre como as datas são representadas e percebidas por professores e alunos podendo ao final compartilhar com os demais interessados.

Por meio dessa pesquisa buscamos conhecer, compreender e questionar posicionamentos que professoras da educação infantil possuem a respeito das datas comemorativas na educação, procurando compreender se

essas educadoras consideram o trabalho pedagógico desenvolvido a partir das datas comemorativas algo relevante para as crianças e para elas enquanto educadoras.

A pesquisa trouxe novos dados a respeito da temática das datas comemorativas na educação infantil considerando os posicionamentos que as professoras possuem a respeito do assunto, possibilitando compreender suas visões, de que formas embasam o trabalho com datas comemorativas e o que pensam a respeito do papel da criança nesse processo.

O objetivo da pesquisa é conhecer, aprofundar e divulgar, a partir de revisão bibliográfica e dos posicionamentos das professoras, por meio de questionário exploratório, o papel das datas comemorativas na educação infantil hoje.

Ademais, temos o objetivo de conhecer de que formas professoras de educação infantil compreendem as datas comemorativas na educação infantil, se consideram que esse trabalho possui relevância para as crianças e para elas enquanto educadoras.

O texto está organizado em seções e subseções que tratam brevemente sobre a pedagogia participativa, sobre currículo, planejamento e as datas comemorativas na educação, seguido pelos dados obtidos por meio do questionário aplicado, e após, a análise e resultados da pesquisa, finalizando com as considerações finais.

2. PARA INICIAR A REFLEXÃO

Para iniciar nossa reflexão acerca da temática, iremos neste capítulo voltar o olhar para formas de se fazer educação e as diferenças entre a pedagogia transmissiva e a pedagogia participativa.

A educação é um processo de extrema importância para a manutenção da vida humana. Através dela entramos em contato com conhecimentos das mais variadas áreas, refletimos, questionamos e

compreendemos a vida em sociedade. No entanto, sabemos que a educação não está presa à escola e aos ambientes escolares. Conforme Oliveira,

É importante destacar que os processos educativos não ocorrem somente na escola, mas em todas as instituições e atividades humanas. Podemos identificar processos educativos nas famílias, nas igrejas, nos meios de comunicação, etc. (2009, p.13)

Dessa forma, compreendemos que os processos educativos são permeados pela cultura, pela história e pelas experiências dos povos que vivem em determinada localidade e na sua relação com outros povos, história, tempos e cultura. É natural que aconteça essa relação entre educação, cultura e história já que esses aspectos estão ligados e se relacionam.

Ao olharmos para a obra “Didática Magna” de Comênio, por exemplo, publicada em 1657, podemos compreender como se pensava sobre a educação na época.

[Comênio] Definia sua Pedagogia com a máxima: “Ensinar tudo a todos”. Objetivando a aproximação do homem a Deus, o principal propósito era que a educação tornasse os homens bons cristãos – sábios no pensamento, dotados de fé, capazes de praticar ações virtuosas estendendo-se a todos: ricos, pobres, mulheres, portadores de deficiências. (OLIVEIRA, 2009, p. 30)

Sabemos então que a educação não era pensada para as crianças e suas necessidades, e essa visão tem se estendido e perdurado até os dias atuais. A “Didática Magna” foi base para a Pedagogia Transmissiva ou Tradicional, em que o professor é o detentor do conhecimento, e as crianças estão presentes somente para ouvir e receber. Conforme Comênio (2001), o professor é como o sol que, sem se mover, alcança a todos.

Se nunca se instruir um aluno sozinho, nem privadamente fora da escola, nem publicamente na escola, mas todos ao mesmo tempo e de uma só vez. Por isso, o professor não deverá aproximar-se de nenhum aluno em particular, nem permitir que qualquer aluno, separando-se dos outros, se aproxime dele, mas, mantendo-se na cátedra (de onde pode ser visto e ouvido por todos), como o sol, espalhará os seus raios sobre todos; e todos, com os olhos, os ouvidos e os espíritos voltados para ele, receberão tudo o que ele expuser com palavras, ou mostrar com gestos ou gráficos. (COMÊNIO, 2001, p. 93)

A partir de suas palavras, fica expresso que o centro do processo de ensino e aprendizagem era o professor, onde o aluno não tem espaço para falar e compartilhar suas vivências e vontades. A pedagogia transmissiva está presente até hoje nas creches e escolas, públicas e privadas, no entanto, sabemos que existem outras formas de se fazer educação, que inclui a criança

nos processos de tomadas de decisões, considerando seus contextos e necessidades. Conforme Oliveira-Formosinho,

[..] a persistência de um modo de fazer pedagógico que ignora os direitos da criança a ser vista como competente e a ter espaço de participação (o modo pedagógico transmissivo ou a pedagogia transmissiva) persiste, não por falta de pensamento e propostas alternativas. [...] Mas aceitar, ao nível dos valores e das teorias, outras imagens da criança que falam da competência participativa e dos direitos a essa participação traz consigo uma obrigação cívica de incorporá-las em cotidianos que as respeitem, de transformar a práxis. (2007, p. 13-14)

Assim, compreendemos que para efetuar um trabalho pedagógico que devidamente respeite a criança é necessário um esforço maior, por parte da professora e da escola e creche como um todo.

2.1: ENTRE PEDAGOGIAS: TRANSMISSÃO OU PARTICIPAÇÃO?

No presente subcapítulo olharemos para a Pedagogia da Participação, também conhecida como Pedagogia-em-Participação e Pedagogia Transformativa, para compreender como essa forma de se fazer pedagogia se apresenta a partir das falas de Júlia Oliveira-Formosinho.

Para que efetivamente tenhamos uma pedagogia que vá além da transmissão de conhecimentos é necessário um esforço conjunto para alcançar essa mudança. Podemos voltar nosso olhar para aqueles que romperam com a realidade educacional que conviviam e criaram novas formas de desenvolver a educação por meio da Escola Nova, Ativa, Progressista e Pedagogia Popular.

Dentre eles podemos citar Dewey, defensor da Escola Ativa que propunha uma educação do “aprender fazendo”, pois acreditava que a educação não poderia ser separada da vida. Assim como Montessori, criadora do que hoje é conhecido como Método Montessori, em que, assim como Dewey, traz um “aprender fazendo”, pois as crianças têm liberdade para escolher quais materiais utilizarão, tendo o adulto como observador e mediador ao demonstrar as formas de utilizar os materiais. (OLIVEIRA, 2009)

Outro autor que rompeu com a pedagogia tradicional foi Freinet. Conforme Oliveira (2009, p. 69), Freinet voltou-se “para a realidade escolar cotidiana, para uma educação pelo trabalho, pois considerava que a escola de

sua época era teórica e desligada da vida.” O autor estabelece alguns pilares de sua proposta pedagógica: experimentação, criação e documentação, dessa forma a criação observa, se expressa e produz um documento sobre o processo de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2009)

Além destes podemos citar como grandes exemplos de autores que romperam com a pedagogia tradicional Malaguzzi e Paulo Freire. Malaguzzi desenvolveu o que hoje é conhecido como abordagem Reggio Emilia, que tem como princípios a escuta ativa, a criança como protagonista, a arte, o desenvolvimento do pensamento crítico e a documentação. Enquanto que Paulo Freire por meio de uma educação crítica e transformadora da realidade cria um método para alfabetizar adultos em pouco tempo, considerando os conhecimentos prévios de seus alunos.

Todos esses autores e pedagogos lutaram cada um em seu tempo para quebrar com paradigmas que já estavam estabelecidos e estruturados nas sociedades. Por meio de suas experiências podemos enxergar que é possível fazer educação de uma forma contextualizada, respeitando as necessidades e direitos dos alunos.

Dessa forma, compreendemos que é necessário conhecer o passado, porém, para que possamos progredir, precisamos nos desvencilhar de ideias arcaicas do fazer pedagógico e partir para olhares mais sensíveis e acolhedores da infância. Conforme Oliveira-Formosinho,

Ignorar o passado e começar tudo de novo, a cada momento, é ignorar a natureza humana que constrói identidade(s) e cultura(s) a partir da memória. Ignorar o futuro, e retomar em cada momento o passado como única configuração do presente, é ignorar a liberdade criativa individual e coletiva que desafia à participação na construção do mundo. A pedagogia dispõe da memória e da história para essa reconstrução. Ela é o produto de uma construção sócio-histórica cultural que em si mesma já transporta os germes de uma construção nova. (2007, p. 7)

Oliveira-Formosinho (2007) discorre a respeito de uma pedagogia da infância que se baseia em “uma práxis de participação” (p.15).

Uma pedagogia centrada na práxis de participação procura responder à complexidade da sociedade e das comunidades, do conhecimento, das crianças e de suas famílias, com um processo interativo de diálogo e confronto entre crenças e saberes, entre saberes e práticas, entre práticas e crenças, entre esses polos em interação e os contextos

envolventes. Por essa razão, é um modo de fazer pedagogia mais complexo do que o modo transmissivo. (2007, p. 15)

A Pedagogia da Participação se distingue amplamente da Pedagogia Tradicional, pois estas duas pedagogias possuem modos muito diferentes de fazer educação. Ao olharmos somente para os objetivos de ambas, essa diferença já fica bastante clara.

Figura 1 - Quadro comparativo entre Pedagogia da transmissão e Pedagogia da participação.

Quadro 1.1

Comparação de dois modos de pedagogia

	Pedagogia da transmissão	Pedagogia da participação
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • adquirir capacidades pré-acadêmicas • acelerar as aprendizagens • compensar os déficits 	<ul style="list-style-type: none"> • promover o desenvolvimento • estruturar a experiência • envolver-se no processo de aprendizagem • construir as aprendizagens • dar significado à experiência • atuar com confiança

Fonte: OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 16.

Percebemos que as palavras utilizadas para descrever os objetivos já nos contam bastante sobre o quão diferentes são as visões por trás de cada pedagogia. Na Pedagogia da Transmissão temos os seguintes verbos: adquirir, acelerar e compensar, palavras que não demonstram preocupação com a criança e em cativá-la no processo de aprendizagem. Enquanto que na Pedagogia da Participação temos: promover, estruturar, envolver, construir, atuar, que denotam um maior envolvimento e cuidado com a educação que será oferecida às crianças.

Tomamos aqui a definição de criança trazida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 12):

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Compreendemos então que para essa visão de infância é necessária uma pedagogia que a compreenda e a respeite integralmente.

Para que isso seja possível é necessário que exista na creche ou escola há presença de uma visão democrática de educação, sendo colocada em prática a partir da gestão democrática. Com relação a essa temática, Monção (2019, p. 174-175) discorre que

A gestão democrática nas instituições de educação infantil deve primar pela democratização das relações internas, atentando para três elementos inseparáveis: a relação entre adultos e crianças, entre os adultos que trabalham na instituição e entre os educadores e as famílias. [...] A centralidade da criança no projeto pedagógico ancora-se na compreensão da criança como sujeito de direitos, capaz de participar desde a mais tenra idade de seu processo de formação, e da infância como uma construção social e histórica.

Assim,

É preciso analisar com rigor se a rotina e as práticas cotidianas são regidas pelas necessidades dos adultos, os conteúdos escolares, as atividades dirigidas, o tempo institucional ou as necessidades e os direitos da criança. (MONÇÃO, 2019, p. 176)

A Pedagogia da Infância traz uma forma de fazer educação que respeita as necessidades e direitos da criança, promovendo a investigação, o desenvolvimento, a significação das experiências, a construção ativa da realidade física e social, tendo uma avaliação centrada nos processos e reflexiva, em que a criança questiona e a professora escuta, observa, formula perguntas. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2007, p. 16-17)

Conforme Oliveira-Formosinho (2007, p. 22),

Um dos maiores desafios perante os quais nos colocou a pedagogia da infância provém de ter mostrado que a construção do conhecimento pela criança necessita de um contexto social e pedagógico que sustente, promova, facilite, celebre a participação, de um contexto que participe na construção da participação.

Assim, compreendemos a importância de promovermos uma educação que tenha a criança como ator ativo no processo. Que incentive a reflexão acerca da realidade a sua volta e promova a democracia, trazendo oportunidades para que as crianças desenvolvam um olhar atento à vida e o respeito por si mesmas e por tudo que as cercam.

3. CURRÍCULO, PLANEJAMENTO E DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Neste capítulo abordamos brevemente a respeito do currículo e planejamento na educação infantil, da presença das datas comemorativas na educação e do planejamento baseado em datas comemorativas a partir, principalmente, das contribuições de Marcolino e Santos (2021), Ostetto (2000), Maia (2011; 2017) e Rocha (2022).

3.1 CURRÍCULO E PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Para construir uma prática pedagógica participativa é necessário que o planejamento e o currículo estejam alinhados com esse tipo de proposta democrática de educação. Assim, voltamos nosso olhar para esses dois pontos tão essenciais para alcançar um trabalho de qualidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEIs), fixada pela Resolução nº 5 de 17 de dezembro de 2009, define currículo como um

Conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade. (BRASIL, 2010, p. 12)

Para as autoras Marcolino e Santos (2021, p. 288-289), o currículo é compreendido como

prática de significação, como criação ou enunciação de sentidos, em que “qualquer manifestação de currículo, qualquer episódio curricular é a mesma coisa: produção de sentidos. Seja escrito, falado, velado, o currículo é um texto que tenta direcionar o ‘leitor’, mas que o faz apenas parcialmente” (LOPES; MACEDO, 2011, p. 42). (MARCOLINO; SANTOS, 2021, p. 288-289)

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010, p. 25), “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações

e a brincadeira”, assim, espera-se que esses eixos sejam a essência do trabalho pensado e realizado com crianças pequenas.

Sabemos que o currículo é resultado de visões acerca das diversas esferas ligadas à educação, portanto, o currículo, escrito, falado ou velado, como já apontado anteriormente, nunca será neutro, mas trará consigo posicionamentos sobre escola, sobre a criança e o espaço que ela poderá ocupar no processo pedagógico. Conforme Maia (2017),

Todo currículo se constitui no cotidiano e no encontro entre os sujeitos, está imbricado das questões que permeiam toda a escola e é atravessado por seus projetos, contradições, conhecimentos e desconhecimentos. (MAIA, 2017, p. 1-2)

A mesma autora anteriormente traz que,

Segundo Silva (1999, p.14), todo livro sobre currículo se inicia com uma discussão sobre o que é currículo para delinear a teoria que vai trabalhar, porque uma definição de currículo se relaciona a uma concepção de currículo, a uma teoria que o envolve, a uma abordagem que o justifica. Logo, não há neutralidade técnica ou pedagógica. Assim também, uma proposta curricular de Educação Infantil parte de uma concepção de infância, relaciona-se ao momento histórico. (MAIA, 2011, p. 28)

Com relação ao planejamento, Ostetto (2000) aponta que

Tanto creches quanto pré-escolas, como instituições educativas, têm uma responsabilidade para com as crianças pequenas, seu desenvolvimento e sua aprendizagem, o que reclama um trabalho intencional e de qualidade. Na intencionalidade do trabalho reside a preocupação com o planejamento. (OSTETTO, 2000, p. 175)

Iniciar o planejamento é o primeiro passo de um processo composto por reflexões acerca do que se pretende alcançar e da escrita das formas que se pretende concretizar os objetivos traçados. No entanto, o planejamento é vivo, não deve ser algo finalizado em si só, mas estar aberto para mudanças ao longo do processo, permitindo a reflexão do educador acerca de suas escolhas e a possibilidade de alterar o percurso de forma a atender melhor às demandas das crianças. (OSTETTO, 2000)

A partir dos apontamentos trazidos, podemos compreender que para que em prática uma pedagogia participativa seja efetuada, é necessário que essa visão democrática de educação já apareça no currículo, que se materializará de forma escrita no planejamento e então no dia-a-dia da educação infantil.

[...] assumir a concepção da criança como sujeito de direitos tem como consequência teórico-prática a criança como o centro do currículo nos espaços educativos e não domésticos. Assim, o planejamento e a organização dos tempos, espaços e materiais precisam considerar os interesses delas, sem perder de vista outras especificidades que envolvem o saber docente na relação com as crianças, entre elas, marcas de diferenças sociais e da diversidade (gênero, etnia, raça, classe social e etária, por exemplo, com diferentes modos de ser e estar no mundo, entre outras). (MARCOLINO; SANTOS, 2021, p. 290)

É responsabilidade da escola e da comunidade escolar perceber essas marcas de diferenças sociais e incluir no currículo e no planejamento formas de desenvolver temáticas que comentem essas diferenças de forma a criar nas crianças um autoconhecimento, uma visão crítica de sua realidade e das realidades que outros vivenciam. Considerar a infância e seus direitos, de brincar, de ser e estar no mundo, conhecendo-o por meio de brincadeiras e jogos, planejadas e livres. Assim, o momento de idealização do currículo e a escolha do que estará nele e no planejamento, e que impactará a vida de muitas crianças e das visões que construirão a respeito de si e do mundo, é de extrema importância, fazendo-se necessário uma reflexão individual e coletiva, para que essa tomada de decisão seja imbuída de significado e intencionalidade.

3.2 DATAS COMEMORATIVAS NA EDUCAÇÃO

As datas comemorativas estão presentes na cultura de muitos povos, trazendo à memória grandes feitos, enaltecendo seus heróis, assim como celebrando a vida e a natureza que os cerca.

Muitas vezes o significado inicial da data pode se perder com o passar do tempo, fazendo com que ela se transforme e ganhe novos sentidos a partir da realidade do momento histórico.

A respeito de poder e história, Chimamanda Ngozi Adichie discorre que

[...] é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como elas são contadas, quem as conta, quando são

contadas e quantas são contadas depende muito de poder. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva. (ADICHIE, 2009, s/p.)

Conforme Ostetto (2000, p. 182), “[...] o trabalho com as datas comemorativas baseia-se numa história tomada como única e verdadeira: a história dos heróis, dos vencedores.”. É assim que a história das datas comemorativas se inicia no Brasil, contando versões da história de acordo com o que os vencedores, os que estavam no poder, definiam ser importante.

Em nosso país, com a colonização portuguesa, herdamos uma forte cultura religiosa, mais especificamente vindo do cristianismo, o catolicismo, e com ele, muitas datas comemorando figuras importantes para essa vertente foram instituídas em nosso calendário. No entanto, com o passar do tempo, e com as mudanças de poder e a Proclamação da República do Brasil em 15 de novembro de 1889, novas datas e novos significados foram construídos para desvencilhar o Brasil dos costumes portugueses.

A figura heróica era um dos primeiros símbolos a serem reinventados, era necessário criar uma atmosfera simbólica ainda maior, mantendo a população confiante na nova forma de governo. Com a preocupação do governo provisório em legitimar o regime republicano, no ano de 1890 publicou-se o decreto nº 155-B, em 14 de janeiro, no qual determinaram-se as datas de festas nacionais, afirmando o sentimento de fraternidade universal que fundamentava o regime, constituído no ano de 1889. As festas públicas eram “[...] destinadas a comemorar a continuidade e a solidariedade de todas as gerações humanas” (Decreto nº 155-B de 14 de janeiro de 1890). (ROCHA, 2022, p. 44)

Com a chegada da Era Vargas, a preocupação em criar novas simbologias para um novo momento histórico e político volta a aparecer. Conforme Rocha (2022),

O varguismo irá forjar um passado a ser respeitado, como o momento da Independência do Brasil, a figura dos grandes vultos da nação, entre esses, o herói nacional Tiradentes, porém, também irá engendrar um passado a ser “esquecido”, como as ações dos republicanos no período de 1889 e 1930, exaltando que o Estado Novo era a via de modernização correta, contrapondo-se aos ideais republicanos que pretendiam manter o Brasil alheio ao café e dependente da economia estrangeira. Por conta disso, os ideais nacionalistas, aliados aos valores patrióticos e cívicos deveriam ser fortalecidos na população brasileira, para assim, construir uma Nação forte. (ROCHA, 2022, p. 19)

Assim, nosso calendário de datas solenes vai sendo moldado para fixar valores civilizatórios na população. Conforme Rocha (2022, p. 18), esse

processo é feito em parte nas escolas sendo que “[...] o processo formativo escolar servirá como instrumento manipulável para a concretização de elementos ideológicos da política vigente [...]”, pois

o cotidiano escolar será modificado, inseridos inúmeros aspectos simbólicos, como a importância do exemplo dos docentes e dirigentes, sendo esses, expoentes de “bons cidadãos”, também o culto à bandeira nacional e à figura do líder e dos grandes vultos, constituindo ações que procuravam imprimir à nova identidade nacional desejada pelo regime. (ROCHA, 2022, p. 18)

Dessa forma, as datas comemorativas vão tomando conta dos espaços escolares e transcendendo os muros até chegar em toda a população.

[...] as datas cívicas tornam-se elementos formativos que devem ser comemoradas com desfiles pelas ruas das cidades, com a intensa participação dos docentes e discentes, exibindo símbolos pátrios, entoando hinos e proclamando poemas previamente orientados para serem ensaiados, criando assim uma atmosfera de patriotismo que pretendia inculcar nos participantes e espectadores os valores desejados pelo regime autoritário do varguismo para a construção do novo cidadão brasileiro. (ROCHA, 2022, p. 19-20)

O papel dos professores era o de seguir as orientações passadas pelo seu superior, assim como o dos alunos era o de seguir as instruções passadas pelos seus professores, num processo pedagógico autoritário e sem liberdade, com o intuito de fortalecer na população os valores esperados pelo regime.

[...] os professores, além de preparar e ministrar as disciplinas, corrigir as atividades, adquiriram mais algumas funções pedagógicas como: organizar, preparar, ensaiar, dirigir a execução dos eventos, sempre baseando-se nas orientações do Diretor Geral. Aos alunos caberiam aprender sobre o civismo e o patriotismo ensaiando, decorando e entoando os hinos pátrios, produzindo e recitando as poesias e os poemas, observando e executando a postura e a cadência de passos ideais, trajados com uniforme exigido e assistindo as outras turmas da instituição escolar ou de outras instituições, além da participação dos militares e grupo de escoteiros realizarem o mesmo ritual simbólico. (ROCHA, 2022, p. 59-60)

Apesar de nosso país ter passado por muitas mudanças políticas desde então, as datas comemorativas permanecem fazendo parte do currículo das escolas brasileiras. Segundo pesquisa desenvolvida por Maia (2011), é possível encontrar nos livros de ata de reuniões realizadas em escola na década de noventa a forte presença das datas comemorativas, contendo sugestões de como trabalhá-las, como também de lembrancinhas a serem feitas para celebrá-las. Algumas das datas encontradas por Maia (2011) nesses registros são:

Trabalho, Mães, Dia Nacional das Comunicações, Meio Ambiente, Amigo, Festa Junina, Semana do Trânsito, Índio, Livro, Páscoa, Festa da Primavera, Aniversário da Escola, Criança, Pais, Folclore, Criança, Teatro, Avós, Proclamação da República, Dia da Bandeira, Consciência Negra, Verão, Nascimento de Jesus, Ecologia, Namorados, Inverno, Mulheres, Vovó. (MAIA, 2011, p. 124)

A partir das datas apontadas pela autora, voltamos nosso olhar para o que Ostetto (2000) afirma com relação a história que é celebrada, a história dos vencedores é o que aparece como data comemorativa e que é consequentemente desenvolvida na escola.

História que, na verdade, privilegia uma visão ou concepção dominante em detrimento de tantas possíveis, ignorando e omitindo, na maioria das vezes, as diferentes facetas da realidade. Por isso, a escolha é sempre ideológica, pois algumas datas são comemoradas e outras não. (OSTETTO, 2000, p. 182)

Com relação ao Dia do “Índio”, a história dos indígenas brasileiros e a forma como apareciam nas escolas, Munduruku (2017) comenta que

Assim eram estudados: como seres do passado. Os livros os mencionavam assim, e assim eram estudados na escola. E isso tudo por causa de uma palavra que vinha acompanhada de uma mal contada história sobre o “descobrimento” do país. Nessa história nos diziam que nossos primeiros colonizadores - os portugueses - foram os heróis que descobriram uma nova terra e tiveram de lutar bravamente para conquistá-la de bárbaros nativos que por aqui viviam [...]. (MUNDURUKU, 2017, p. 15-16)

Compreendemos então que, apesar da longa existência das datas comemorativas nas matrizes curriculares que reforçam uma pedagogia transmissiva, por meio da idealização do currículo e das visões presentes nesse processo, certas datas aparecerão nos planejamentos de professoras, recebendo atenção dobrada, enquanto outras serão esquecidas ou trabalhadas de forma rasa, superficial. Assim, temas que podem ser de grande interesse para a compreensão e constituição do sujeito histórico, que colabore para a construção de um indivíduo confiante e que respeita a si e a tudo o que o cerca, podem ficar em segundo plano. Cabe também perguntar por que as crianças precisam de datas comemorativas, se compreendemos que elas possuem muitas linguagens e formas de compreensão do mundo? Será que as datas têm relevância, são significativas ou apenas reforçam a pedagogia transmissiva no fazer pedagógico?

3.3 PLANEJAMENTO A PARTIR DE DATAS COMEMORATIVAS

A partir dos pontos desenvolvidos anteriormente compreendemos o quão importante o currículo e o planejamento são para o desenvolvimento de uma educação infantil que respeite as especificidades desse momento. Assim como pudemos olhar para o fato de que as datas comemorativas estão presentes em nossas escolas há séculos, tendo servido para benefício de governos políticos.

Assim, faz-se necessário olharmos especificamente para o que os teóricos dizem a respeito do planejamento na educação infantil a partir de datas comemorativas.

Maia (2011), sobre o currículo e sua relação com a criança questiona:

[...] como construir um currículo a favor da criança se essa criança não tem visibilidade, não tem escuta, é uma criança genérica. Quando sabemos, e já não se pode ignorar, que a criança é um indivíduo social inserido em sua classe [...] (MAIA, 2011, p. 116)

Dessa forma, fica clara a necessidade de que haja um profundo conhecimento a respeito das crianças e uma maior participação delas nesse processo.

As datas comemorativas têm tomado e dirigido os planejamentos de instituições. Logo no início do ano, muitas vezes a própria Secretaria da Educação do município define quais datas devem obrigatoriamente serem trabalhadas. Se todas creches e escolas de educação infantil acatam ou não, é uma questão para uma outra pesquisa. No entanto, mais uma vez compreende-se o quão forte elas estão no dia-a-dia da educação infantil.

Em sua pesquisa Maia (2011) traz observações que fez durante seu tempo nas instituições de educação infantil, assim como falas de professoras a respeito da utilização das datas comemorativas. Maia aponta que,

Em ambas as escolas a reunião de planejamento é largamente utilizada para combinar o que será feito em relação às datas, preparar material sobre as mesmas e até fazer compras para comemorações. (MAIA, 2011, p. 126)

Para Ostetto (2000), o trabalho a partir das datas comemorativas é superficial e descontextualizado, já que mal há tempo para que a criança compreenda o que está se passando, logo vem a próxima data a ser comemorada.

[...] podemos perceber a elaboração ou proposição de “trabalhinhos”, “lembrancinhas”, dancinhas, teatros geralmente destituídos de reflexão, por parte do educador, que em momento algum para para pensar no significado disso tudo para as crianças, se está sendo “gratificante”, enriquecedor para elas. O educador acaba sendo um repetidor, pois todos os anos a mesma experiência se repete, uma vez que as datas se repetem. (OSTETTO, 2000, p. 182)

Apesar de uma década ter se passado entre as publicações da fala de Ostetto e da pesquisa de Maia, podemos observar que não houveram mudanças na concepção de trabalho com datas comemorativas. Maia aponta que em uma das reuniões em que participou, um dos pontos colocados pela secretária a ser discutido foi o seguinte:

Dia das Mães, trabalhinho, lembrancinha com o material que tem na escola. Sugestão, porta-chaves de EVA que vai [ser] mostrado na segunda-feira.” (Caderno de campo, Escola 1, 19/04/10). (MAIA, 2011, p. 126)

A partir de sua pesquisa Maia (2011) traz apontamentos que muitas, senão todas, profissionais que já passaram por uma creche já vivenciaram ou foram testemunhas.

O tempo de funcionárias e professoras é direcionado para a confecção de enfeites e lembranças, o que chama mais a atenção devido à falta de funcionários tratada no início do capítulo. Próximo a Páscoa encontrei funcionárias montando máscaras e embalando pirulitos durante o horário de trabalho, inclusive com a diretora. Próximo ao dia dos pais e a copa do mundo as professoras das duas escolas dedicam parte do seu tempo com a criança a confeccionar lembranças, enfeites para a sala ou para as crianças, enquanto as crianças manuseiam livros, desenham ou almoçam. (MAIA, 2011, p. 126-127)

Vamos percebendo que existe uma aceitação de que é assim que é trabalhar na educação infantil. Uma grande mobilização é feita dentro dos muros da creche para que todas as lembrancinhas fiquem prontas a tempo. Enquanto isso, as crianças ficam em segundo plano, sem receber a atenção, o olhar e a escuta atentos que lhe são de direitos, sem vivenciar e experienciar propostas que instiguem e desenvolvam criatividade.

A questão das lembrancinhas é apenas um exemplo, há outros equívocos relacionados à compreensão associados às datas e mesmo a conceitos que envolvem a complexidade dos movimentos sociais e históricos que experimentamos, por exemplo com questões relacionadas à diversidade étnico-racial.

Com relação à diversidade étnico-racial, voltamos nosso olhar para o trabalho desenvolvido a partir do “Dia do Índio” e do “Dia da Consciência Negra”. Apesar da Lei N. 10.639, de 09 de janeiro de 2003 e da Lei N. 11.645, de 10 de março de 2008 não explicitarem como obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena na educação infantil, o Parecer 003/2004 que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER) traz em seu texto que “os sistemas de ensino e os estabelecimentos de Educação Básica, nos níveis de Educação Infantil, Educação Fundamental, Educação Média, Educação de Jovens e Adultos, Educação Superior” (BRASIL, 2004, p. 23) devem se adequar e incluir as temáticas necessárias listadas no documento. Além disso, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil trazem que o seguinte aspecto deve ser assegurado: “A apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América.”. (BRASIL, 2010, p. 20)

Maia (2011) traz a seguinte anotação de seu caderno de campo a respeito de propostas realizadas a partir do “Dia do Índio”:

No dia do índio os rostos também foram pintados com listras coloridas e em seguida colocados os colares de macarrão e a tira de EVA enfeitada com pedaços de EVA coloridos, cola colorida e penas, no pátio havia uma diversidade de índios fantasiados, chocalhos de garrafa PET e milho. (Caderno de campo, Escola 1, 19/04/10) [...]

As atividades relacionadas à data em questão se encerram, algumas vezes, com uma culminância: “uma mesa no pátio onde se distribuem coco aos pedaços, batata doce, pipoca e cana tendo um fundo de TNT rosa onde se lê “Projeto Índio”, com borboletas e flores coloridas.” [...] (Caderno de campo, Escola 1, 19/04/10) (MAIA, 2011, p. 128-129)

Conforme Munduruku (2017), a utilização do termo “índio” é equivocada e não representa os povos originários de nosso país, pois o termo é generalista e com o tempo foi ganhando conotações negativas.

De hoje em diante, que fique combinado que não haverá mais “índio” no Brasil. Fica acertado que os chamaremos “indígenas”, que significa “nativo”, “originário de um lugar”. Certo? Bem, mas calma lá! Alguém me soprou uma questão: “Mas índio e indígenas não são a mesma coisa?”. Pois é... “Não, não são” Digam o que disserem, mas ser um indígena é pertencer a um povo X. Ser “índio” é pertencer a quê? É trazer consigo os adjetivos não apreciados por qualquer ser humano. É uma palavra preconceituosa, racista, colonialista, etnocêntrica, eurocêntrica... (MUNDURUKU, 2017, P. 18)

Compreendemos então que existe uma urgência em rever o trabalho com essa data comemorativa. É grande a necessidade de conscientização em relação ao uso da palavra correta para se referir aos indígenas, assim como em relação às propostas realizadas a partir dessa data comemorativa.

[...] o ‘Dia do Índio’ não deve ser uma data para folclorização, homenagear ou comemorar esse dia não tem nada a ver com pintar rostos e fazer cocares. Tem a ver com refletir sobre o lugar que habita o indígena hoje, da exclusão, e também das resistências e pluralidades. Uma estratégia interessante ante é convidar os próprios indígenas para falar da sua história e cultura, e não apenas em um único dia, mas envolvendo escolas e comunidades indígenas em vários momentos, fazendo visitas, trocas, etc. É interessante utilizar vídeos, imagens e textos que tragam a diversidade dos povos indígenas e que suscitem reflexões sobre sua opressão e exploração, assim como de suas lutas. (MELO et al., 2020, p. 10)

Vemos então que continuar com a propagação de estereótipos que desumanizam, que apagam a história e cultura reais dos povos indígenas não pode mais ser uma prática aceita dentro das instituições de ensino. O trabalho deve ser realizado de forma cuidadosa e envolvendo pessoas indígenas comprometidas com a quebra desses estereótipos, de forma a conscientizar nossas crianças a respeito dos povos originários e da sua importância para o nosso país.

4. METODOLOGIA

O presente capítulo explana de que forma a pesquisa foi realizada, comentando o tipo de metodologia escolhida, os tipos de fontes, de pesquisa e a técnica de coleta que foram necessárias.

A pesquisa foi realizada utilizando-se da metodologia com enfoque qualitativo. Conforme Zanette,

um bom trabalho científico, que utiliza metodologia mais próxima da realidade a ser pesquisada, deve ser aquele que propicia ao pesquisador “colocar-se no papel do outro”, ou seja, compreender a realidade pela visão dos pesquisados como forma de aproximação entre a vida e o que vai ser investigado. Para isso, ainda um melhor caminho é através da pesquisa qualitativa com metodologia que vise compreender a questão do humano através da dimensão educacional. (2017, p. 153)

Dessa forma, pudemos nos aproximar das experiências vividas pelas professoras e ter acesso a subjetividade de cada uma e, ainda que minimamente, como a temática afeta o trabalho delas.

Os tipos de fontes são textos acadêmicos, documentos e pessoas. De acordo com Junior et al. (2021, p. 42),

A pesquisa documental não pode e nem deve ser confundida com pesquisa bibliográfica. A utilização do documento nesses dois tipos de pesquisa faz com que elas sejam vistas como iguais, no entanto, elas se divergem quanto à fonte dos documentos, pois a pesquisa bibliográfica tem como foco documentos já com tratamento analítico, na maior parte das vezes publicadas na forma de livros ou artigos.

Assim, três tipos de pesquisa foram necessários: bibliográfica, pois foi necessário consultar textos acadêmicos a respeito dos assuntos pesquisados; exploratória, já que a pesquisa se deu com professoras; e documental, pois foram consultados documentos oficiais que norteiam o trabalho desenvolvido na educação infantil.

A técnica de coleta de dados utilizada foi o questionário, para obter dados gerais através das perguntas fechadas, e dados mais particulares por meio das perguntas abertas. Dessa forma, a pesquisa traz também dados quantitativos.

De início seriam utilizadas as cartas pedagógicas como forma de aproximar pesquisadora e colaboradoras da pesquisa, já que essa técnica possibilita que ambas as partes dialoguem de forma honesta e sem receios de julgamentos, no entanto, devido a dificuldades que foram se apresentando na vida pessoal da pesquisadora foi necessário deixar essa técnica de coleta de dados de fora do presente trabalho.

Devido à situação pandêmica em que nos encontramos, a pesquisa exploratória foi realizada por meio virtual. O questionário foi construído na ferramenta digital *Google Forms* e enviado para professoras atuantes na

educação infantil da rede pública e privada de Sorocaba-SP por meio de grupos no aplicativo *Whatsapp*, dessa forma não temos acesso ao número total de professoras que receberam o questionário.

Deixa-se claro que informações como nome, email, celular, não foram e não serão divulgadas na pesquisa e em nenhum outro meio, pois não tivemos acesso a nenhum desses dados.

A forma que adotamos para nos dirigir às professoras respondentes foi “P1”, “P2”, assim por diante, seguindo a ordem numérica, e durante a análise utilizamos a seguinte forma para citar as falas: (P8, 2021). Optamos por utilizar a fonte Times New Roman, em itálico e em tamanho 11 para destacar as falas das professoras participantes. No total 29 professoras responderam ao questionário durante o período em que ficou aberto no período de 20 de setembro a 20 de outubro de 2021.

A partir do questionário procuramos compreender quem são as professoras participantes: há quanto tempo trabalham na educação infantil; qual sua formação acadêmica e suas percepções do trabalho desenvolvido com datas comemorativas.

O questionário foi composto por 18 perguntas, sendo que 12 delas são perguntas com respostas fechadas e 6 de perguntas com respostas abertas onde as professoras puderam expressar com suas próprias palavras as suas percepções. Conforme Kronberger e Wagner,

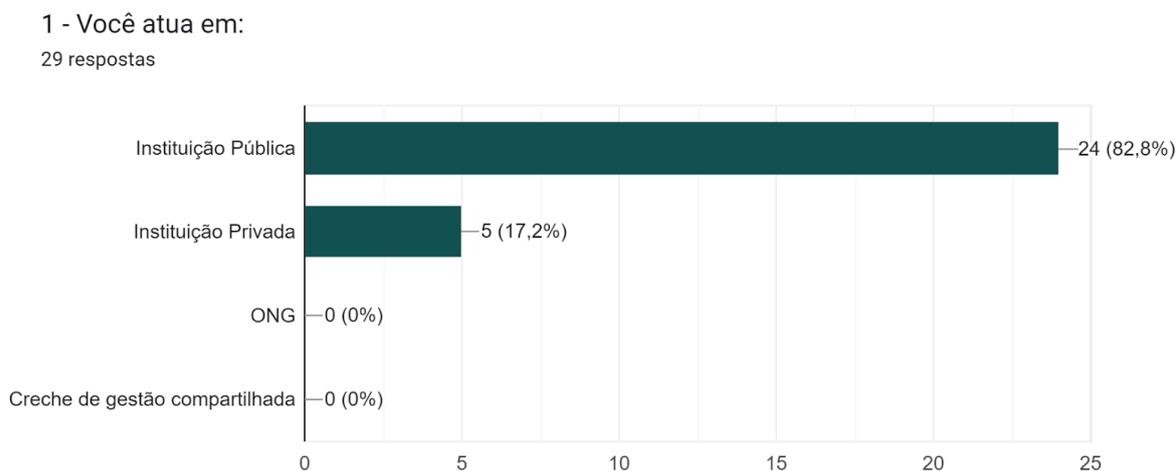
As respostas a perguntas abertas são uma fonte útil de informações para complementar os dados quantitativos obtidos de investigações com questionário. As respostas abertas não ficam restritas às escolhas de categorias feitas pelo pesquisador, como nas respostas a perguntas fechadas. Por isso, elas propiciam um fácil acesso à compreensão espontânea dos respondentes com relação ao objeto em questão. [...] Em certo sentido, perguntas abertas são um tipo de "microentrevista" sobre um objeto específico. (2002, p. 416)

Dessa forma, foi possível ter acesso aos posicionamentos das professoras em relação à temática pesquisada, resultando na coleta de ricos dados para a presente e futuras pesquisas na área.

5. DO QUESTIONÁRIO

Para compreender o contexto em que as professoras atuam, elaboramos perguntas que nos possibilitassem entender um pouco a respeito do perfil das participantes. Iniciamos questionando em que tipo de instituição trabalham. Das 29 respondentes, 24 afirmaram trabalhar em instituição pública, enquanto 5 responderam trabalhar em instituição privada. Não tivemos nenhuma participante que trabalhe em ONG ou creche de gestão compartilhada.

Gráfico 1 - Quantidade de professoras atuantes na rede pública e na rede privada



Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

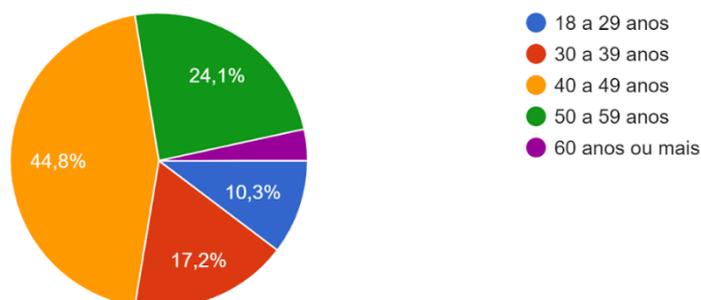
Todas as participantes se identificaram como mulheres, portanto utilizaremos a palavra “professoras” quando utilizarmos o plural em vez de “professores”. Com relação ao pertencimento étnico-racial, 24 se identificaram como brancas, 3 como pretas e 2 como pardas; não tivemos participantes que se identificaram como indígena ou amarela.

Com relação a idade, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 2 - Faixa etária das professoras participantes na pesquisa

3 - Em qual faixa etária você se encontra?

29 respostas



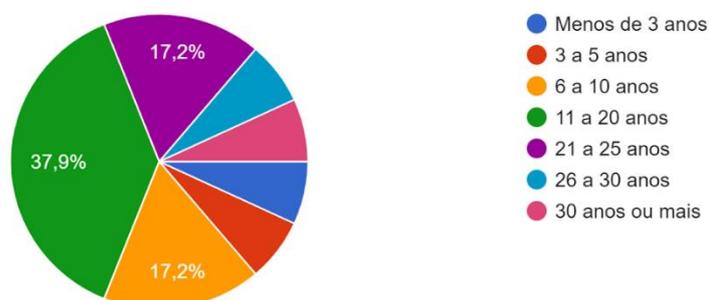
Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Questionamos há quanto tempo essas professoras trabalham na educação infantil, recebendo os seguintes dados:

Gráfico 3 - Quantidade de tempo trabalhando na educação infantil

8 - Há quanto tempo atua na educação infantil?

29 respostas



Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Com relação à formação acadêmica, perguntamos se ocorreu em instituição pública ou privada, obtendo os dados de que 25 professoras estudaram em instituição privada e 4 em instituição pública. A respeito do curso, 6 apontaram que além de pedagogia possuem magistério, e 4 realizaram uma outra licenciatura. As professoras responderam também a respeito da pós-graduação. 21 já concluíram uma especialização, 1 está com uma

especialização em curso e 7 afirmaram que não fizeram pós-graduação. A partir desses dados, compreendemos que a maior parte das professoras possui grande experiência na área.

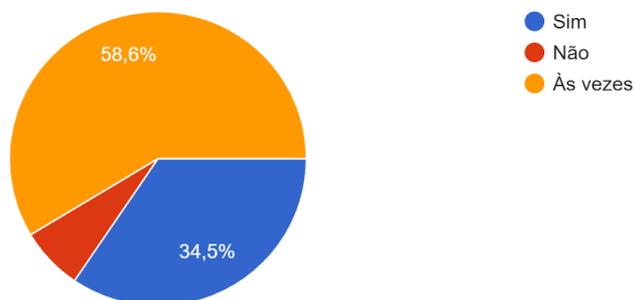
5.1 POSICIONAMENTOS DAS PROFESSORAS

Com relação ao trabalho pedagógico com datas comemorativas os resultados obtidos foram os seguintes:

Gráfico 4 - Quantidade de professoras que trabalham com datas comemorativas

9 - Em sua prática pedagógica você trabalha com datas comemorativas?

29 respostas

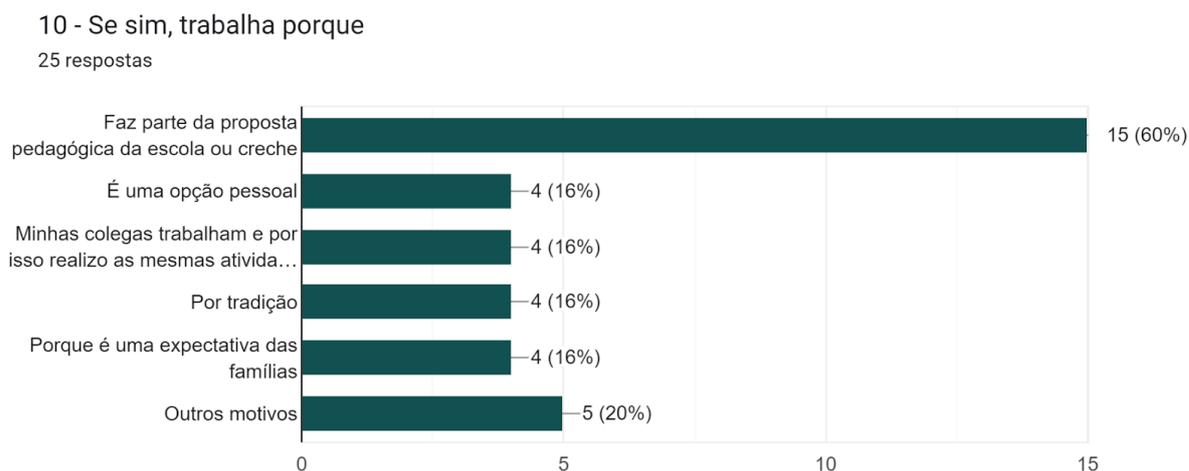


Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

58,6% das professoras, ou seja, 17 delas, responderam que às vezes realizam propostas a partir de datas comemorativas, enquanto que 34,5%, 10 professoras, afirmaram trabalhar com datas comemorativas, e somente 6,9%, 2 professoras, responderam que não utilizam datas comemorativas em sua prática pedagógica.

Questionamos o motivo da utilização das datas comemorativas na prática pedagógica e obtivemos as seguintes respostas:

Gráfico 5 - Motivos pelos quais as professoras trabalham com datas comemorativas



Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

5.2 DOS MOTIVOS

Para compreender melhor os motivos que fazem com que as professoras trabalhem a partir das datas comemorativas, elaboramos uma pergunta aberta para que pudessem se expressar com suas próprias palavras e, seus pensamentos em relação ao tema pudessem ser conhecidos.

Dentre as professoras que trabalham com datas comemorativas, sendo o total 27, obtivemos 21 respostas para a pergunta “Você poderia escrever um pouco por quais motivos trabalha com datas comemorativas na educação infantil?”. Anotamos as seguintes ocorrências.

Quadro 1 - Preocupação com saber histórico

Respondente	Resposta	Preocupação
P12	<i>Para que a criança conheça a história de cada data comemorativas. Muitas datas simbolizam marco de conquistas. Dando ênfase as datas e trabalhando o significado delas estaremos contribuindo com o desenvolvimento social, cultural e emocional das crianças.</i>	Datas como símbolo de conquista e de fato histórico
P15	<i>Dentro da proposta de trabalhar uma consciência ambiental e social, inserimos algumas datas, somente como fator histórico</i>	Consciência ambiental e social “fator histórico”

Respondente	Resposta	Preocupação
P24	<i>Para deixar registrada a importância das mesmas desde a tenra idade nas crianças, valorizando as datas, para que as mesmas não caia[m] no esquecimento.</i>	Fugir do esquecimento
P29	<i>Algumas datas estão na mídia fica difícil passar em branco. E algumas datas fazem parte da história do nosso País.</i>	Presença na mídia História do país
P19	<i>Porque as crianças precisam ter conhecimentos dos fatos importantes do lugar onde ela vive, presente e passado, de acordo com sua faixa etária.</i>	Conhecimento dos fatos ligados à sua localidade

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Quadro 2 - Preocupação com questões específicas

Respondente	Resposta	Preocupação
P13	<i>Particularmente seleciono as datas que vou abordar como as que sejam significativas para as crianças, como por exemplo dia da água, da 🌳 [árvore] mas, é uma imposição da escola as datas tradicionais.</i>	Imposição da escola Significativas para as crianças (a partir do olhar do adulto)
P4	<i>Ñ trabalho aprofundado, mas essas datas que assinalei estão no calendário escolar, e a escola pede e algumas a Sedu, então trabalho apenas para cumprir as exigências.</i>	Imposição da escola/SEDU
P23	<i>Para formar, conscientizar e desenvolver os vários tipos de culturas e celebrações em nossa sociedade.</i>	Diferentes culturas e celebrações
P28	<i>As vezes trabalho por ser um complemento cultural para a criança</i>	Cultura
P22	<i>Porque nossos alunos tem o direito de aprender o significado e importância destas datas</i>	Direito de conhecer
P17	<i>No caso trabalhamos dia da família, uma das formas de integrar a família na escola</i>	Integração da família

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Apesar de somente 2 respondentes (6,9%) terem respondido que não trabalham com datas comemorativas, quando questionamos “Se não trabalha, por quê?”, 4 professoras responderam a questão aberta.

Quadro 3 - Motivos pelos quais não trabalham a partir de datas comemorativas

Respondente	Resposta	Preocupação
P6	<i>Porque acredito que o currículo da educação infantil deve emergir das expectativas infantis</i>	Currículo a partir da criança
P9	<i>Não faz parte do que acredito ser importante no desenvolvimento da criança neste momento. Dependendo a data, algo a não se comemorar...respeito às diversidades num sentido amplo</i>	Não importante para o desenvolvimento
P10	<i>Por mais esforço que façamos, para a criança não há sentido.</i>	Não significativo
P26	<i>A proposta da escola em que trabalho é não abordar datas comemorativas, principalmente com o intuito de ser uma escola laica. A escola preza por não transmitir nenhuma religião ou algo do tipo, as poucas datas trabalhadas não possuem correlação com algum momento histórico ou religioso.</i>	Escola não trabalha datas de fundo histórico ou religioso

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

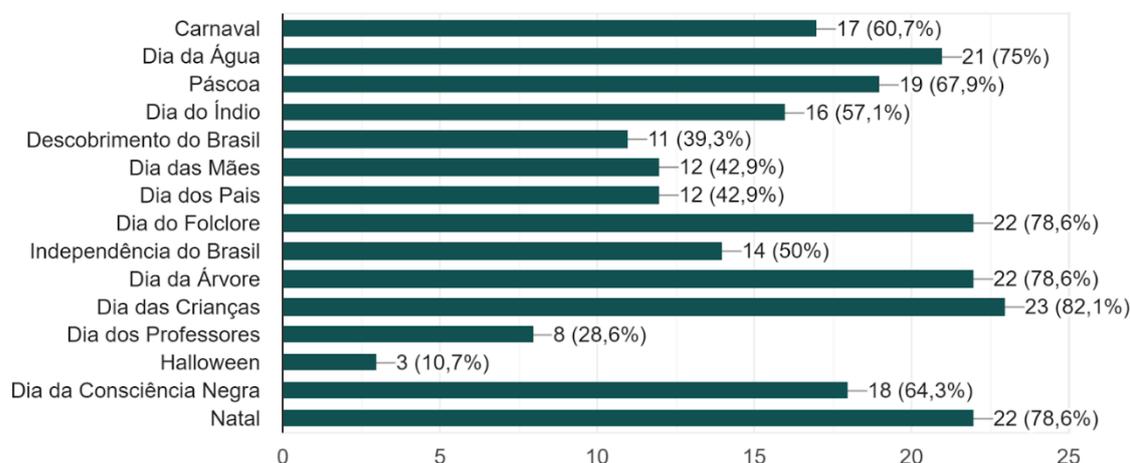
5.3 DATAS COMEMORADAS

A partir de pergunta fechada questionamos quais datas comemorativas as professoras respondentes desenvolvem em seu trabalho pedagógico. Obtivemos 28 respostas.

Gráfico 6 - Datas comemorativas trabalhadas pelas professoras respondentes

13 - Quais dessas datas você trabalha?

28 respostas



Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Dentre as 28 respondentes, 23 afirmaram trabalhar com o “Dia das Crianças”, sendo essa a única data que obteve o maior número de respondentes que responderam trabalhar com a data. Em seguida temos o “Dia do Folclore”, o “Dia da Árvore”, e o “Natal” com 22 professoras informando que desenvolvem trabalhos a partir dessas datas. O “Dia da Água” aparece com 21 professoras, seguido pela “Páscoa” com 19 professoras, o “Dia da Consciência Negra” com 19, o “Carnaval” com 17, e o “Dia do Índio” com 16 professoras que afirmam trabalhar a partir dessas datas.

As datas com menos adesão foram a “Independência do Brasil”, com 14, o “Dia das Mães” e “Dia dos Pais”, ambas com 12, o “Descobrimento do Brasil” com 11, o “Dia dos Professores” com 8, e o “Halloween” com 3 professoras que desenvolvem suas práticas a partir das datas citadas.

Questionamos em seguida “Há alguma outra não mencionada que você trabalhe?”, obtendo 14 respostas. As datas mencionadas foram as seguintes:

Quadro 4 - Outras comemoradas e quantidade de professoras que as desenvolvem

Outras datas	Quantidade de professoras que citaram
Dia da Família	3
Primavera	3
Dia do Circo	2
Dia do Patrono do Colégio	2
Festa Junina	2
Aniversário de Sorocaba	2
Dia do Rio Sorocaba	1
Dia do Palhaço	1
Dia do Trabalho	1
Dia do Livro	1
Proclamação da República	1
Dia da Mulher	1

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

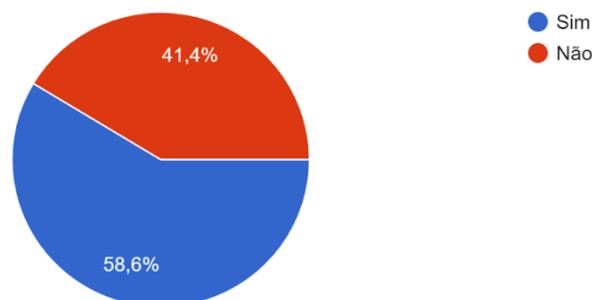
5.4 PRESENÇA DAS DATAS COMEMORATIVAS NA FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS

Em seguida questionamos se as professoras participantes tiveram conteúdos relacionados ao trabalho a partir das datas comemorativas durante sua formação.

Gráfico 7 - Quantidade de professoras que tiveram ou não conteúdos relacionados às datas comemorativas durante sua formação

15 - Durante a sua formação você teve conteúdos relacionados as datas comemorativas?

29 respostas



Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Das 29 professoras respondentes 58,6%, ou seja, 17, afirmaram ter tido algum tipo de conteúdo a respeito das datas comemorativas, enquanto 41,4%, 12, responderam que não tiveram conteúdos relacionados ao tema.

Para compreender melhor os contextos formativos, pedimos em seguida para que relatassem sobre.

Quadro 5 - Datas comemorativas no magistério

Respondente	Resposta	Preocupação
P6	<i>No antigo magistério fazíamos uma pasta com atividades impressas para cada data (as mais absurdas ☹️) E na faculdade isso jamais foi questionado... Ainda bem que a busca de formação pessoal mudou minha visão!</i>	Pastas de atividades magistério
P8	<i>No magistério fazíamos pasta de datas comemorativas.</i>	Pastas de atividades magistério
P11	<i>Sim, no magistério o plano de aula pautado nas datas comemorativas. Incluindo a elaboração de uma pasta com as datas comemorativas.</i>	Pastas de atividades magistério
P14	<i>Quando fiz magistério elaboramos uma pasta utilizando nossa criatividade para cada data comemorativa. E quando fiz Pedagogia nos estágios elaborávamos brincadeiras relacionadas às datas comemorativas.</i>	Pastas de atividades magistério

Respondente	Resposta	Preocupação
P24	<i>No magistério, na aula de artes, tivemos que montar um portfólio com todas as datas comemorativas do Brasil.</i>	Pastas de atividades magistério
P27	<i>Quando fiz Magistério</i>	Magistério
P28	<i>Há trinta anos atrás valorizavam o trabalho das datas comemorativas no magistério</i>	Valorização das datas comemorativas no Magistério

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

5.5 OPINIÕES DAS PROFESSORAS SOBRE AS DATAS

Consideramos importante conhecer mais a fundo as opiniões das professoras respondentes acerca das datas comemorativas e questionamos “Qual é a sua opinião a respeito das datas comemorativas?”, obtendo 27 respostas.

Quadro 6 - Opiniões acerca da cultura e história

Respondente	Resposta	Preocupação
P1	<i>Acredito que alguns temas são importantes devido a história, a cultura que trás [traz] consigo.</i>	História e Cultura
P5	<i>Estão demais de comercializadas e ensinam uma realidade falsa para crianças. Têm valor cultural quando lidam com tradições e história de um país, mas não são inclusivas e muitas não agregam valores</i>	Tradições de um país
P7	<i>Algumas são importantes para não deixar a cultura popular morrer</i>	Cultura popular
P12	<i>Acho importante as datas, para abordamos e desenvolvermos importantes temas que ajudam a conscientizar as crianças. Além de contar a história que à em cada data a ser celebrada. Mostrando a importância delas na vida da sociedade, valorizando a cultura e o desenvolvimento.</i>	Importância das datas na sociedade
P14	<i>Muito importante, pois faz parte da nossa história.</i>	Parte da história

Respondente	Resposta	Preocupação
P19	<i>São importantes pois fazem parte da História e da cultura do nosso país.</i>	Parte da história
P23	<i>Elas são muito importantes para a nossa formação como cidadãos, pois é partir delas que iniciamos o entendimento e a consciência da diversidade em nossa história.</i>	Formação como cidadãos Consciência da diversidade
P25	<i>Acredito que trabalhar datas comemorativas de maneira contextualizada, situa a criança historicamente, expande a noção e a propriedade por parte da criança e do grupo da data em si e de sua importância, claro que tudo depende da intenção e da proposta da instituição, do professor, etc.</i>	Situar a criança historicamente

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Quadro 7 - Opiniões relacionadas a comercialização

Respondente	Resposta	Preocupação
P29	<i>Algumas são importantes por fazerem parte da história, já outras como Páscoa , dia das mães, dia dos pais, são datas comercializadas demais, acabam perdendo a essência real ... A mídia acabou com o significado ao longo dos anos .</i>	Comercializadas em excesso Perdem a essência real
P5	<i>Estão demais de comercializadas e ensinam uma realidade falsa para crianças. Têm valor cultural quando lidam com tradições e história de um país, mas não são inclusivas e muitas não agregam valores</i>	Comercializadas em excesso
P20	<i>Na minha opinião, as datas comemorativas devem ser trabalhadas em sala, pois muitas delas são também datas comerciais e precisamos mostrar as crianças um outro lado além do que envolve o dinheiro, o consumo. As outras, como dia da água e da árvore fecham toda a nossa conversa diária sobre a preservação e cuidados com meio ambiente. E outras fazem parte da nossa cultura e do que somos.</i>	Mostrar a data para além do consumo

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

Quadro 8 - Opiniões que questionam o uso das datas comemorativas

Respondente	Resposta	Preocupação
P3	<i>Muitas delas, desnecessárias. Temos outros conteúdos mais relevantes a serem trabalhados.</i>	Conteúdos mais relevantes
P6	<i>São trabalhadas na maioria das escolas, por tradição, comodismo e falta de reflexão da prática e aprofundamento das teorias.</i>	Falta de reflexão sobre a prática Cômido para o professor
P8	<i>Fora de contexto não há sentido.</i>	Datas descontextualizadas
P10	<i>No passado trabalhei bastante, mas hoje percebo que datas comemorativas, são irrelevantes na educação infantil. Para o professor pode ser mais cômodo na hora de planejar mas para a criança sem sentido</i>	Não significativo para a criança Cômido para o professor
P11	<i>Após ampliar o estudo, tenho questionado muito sobre a necessidade de trabalhar com as datas. Atualmente reflito qual a intenção!!</i>	Intenção por trás do trabalho com datas comemorativas
P26	<i>Creio que a abordagem feita por algumas escolas, leva a reprodução errônea de estereótipos. Como por exemplo, é comum ver que no "Dia do Índio" as crianças vão embora da escola com o rosto pintado e com um cocar na cabeça, porém, sem entender o contexto da história dos indígenas. Na escola em que trabalho, não acontece tais situações, porém, na minha infância vivenciei e, enquanto educadora, presenciei de outras escolas. Para além disso, há outras datas que ao menos são trabalhadas e, quando feitas, seguem um caminho que distorce a história ou transmitem religiões e estereótipos.</i>	Reprodução de estereótipos

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

5.6 MAIS OPINIÕES E RELATOS

Para encerrar nosso questionário, finalizamos com a pergunta “Você gostaria de escrever mais sobre o assunto ou relatar algum acontecimento relacionado às datas comemorativas em sua carreira?”. Obtivemos 13 respostas afirmativas, em que as professoras trouxeram um pouco mais de suas opiniões, assim como, histórias que vivenciaram durante seus anos na educação.

Quadro 9 - Outras opiniões e relatos

Respondente	Resposta	Preocupação
P1	<i>Acredito que todo profissional da área é um pesquisador e nos dias de hoje não podemos ficar nos moldes passados, à temas que devem sim ser trabalhados nas escolas, mas através de uma nova ótica, respeitando e incluindo a todos de forma clara e lúdica!</i>	Quebra com moldes passados
P15	<i>Não existe mais, no meu cotidiano, a inserção de folhinhas para se trabalhar um dia específico. Aliás, nem no início da minha vida profissional. A proposta sempre foi construir com as crianças um processo</i>	Proposta construída junto das crianças
P3	<i>Precisamos focar mais, no desenvolvimento das crianças, nas brincadeiras ao ar livre. As datas têm importância mínima. Algumas culturais são interessantes de serem trabalhadas</i>	Importância mínima das datas comemorativas
P24	<i>Percebo que nos anos anteriores as crianças curtiam sair com alguma lembrança referente a data comemorada, porém atualmente, pelo menos nas escolas particulares, as crianças não dão mais tanta importância. Por vezes passei a noite elaborando as lembranças e ao sair do colégio para ir embora, encontrei várias jogadas no pátio ou até mesmo na calçada. Muito triste!</i>	Especificidade do trabalho docente
P4	<i>Não acho que deveria ser exigido, como é, principalmente dia dos pais e mães (que já abolimos na minha escola), pois muitos ã têm. Acho sem sentido trabalhar como datas comemorativas alguns assuntos, aniversario de Sorocaba, Rio Sorocaba, dia da agua, pois trabalhamos se o assunto surge, ã deveria ser obrigatório.</i>	Sensibilização com aqueles que não têm pai e/ou mãe

Respondente	Resposta	Preocupação
P7	<i>Acho importante esse movimento de não rotular pai e mãe, de todas as datas, marca muito os pequenos. Já tive crianças de abrigos que tinham que cantar p os pais dos amigos. Outra do maternal que a mãe morreu de CA de mama e era obrigada ensaiar pq a diretora queria. Lamentável.</i>	Sensibilização com aqueles que não têm pai e/ou mãe
P13	<i>Dia das mães importante, uma expectativa para muitas mães, mas um sofrimento para diversas crianças.</i>	Expectativa das famílias
P23	<i>Valorizamos bastante em nossa escola a festa da família, onde programamos um dia especial para várias atividades envolvendo a família com a escola para tentarmos uma parceria amistosa com a comunidade.</i>	Envolvimento da família
P22	<i>Teve uma família que veio conversar comigo em 2012 que não aceitava que os filhos participassem de nem uma data comemorativa por serem testemunhas de Jeová</i>	Diversidade religiosa e respeito às práticas

Fonte: Elaborado por Priscila Nascimento a partir de questionário para essa pesquisa (2022)

6. ANÁLISE E RESULTADOS

No presente capítulo faremos uma breve análise dos dados categorizados acima em relação à revisão bibliográfica feita anteriormente.

A partir das respostas coletadas acerca do perfil das professoras participantes, compreendemos que a maior parte delas atua em instituição pública, possuem especialização, têm entre 40 a 59 anos e atuam na educação infantil entre 11 a 20 anos, sendo assim, podemos inferir que são professoras bastante experientes nessa área de atuação.

Com relação aos posicionamentos, quando questionadas sobre o trabalho com datas comemorativas, a maioria respondeu que faz uso delas em sua prática pedagógica e o principal motivo que as leva a isso é porque essa prática faz parte da proposta pedagógica da creche ou escola, e ainda da Secretaria da Educação, conforme aponta uma das professoras participantes:

“Ñ trabalho aprofundado, mas essas datas que assinalei estão no calendário escolar, e a escola pede e algumas a Sedu, então trabalho apenas para cumprir as exigências.” (P4, 2021)

A partir desses dados percebemos que cabe perguntar quem constrói essa proposta pedagógica? Quais são os atores educacionais envolvidos nesse processo? É feito de forma vertical ou envolve toda a comunidade escolar? Afinal, existe gestão democrática nessas instituições? Além disso, com base em quais documentos é tomada a decisão de incluir as datas comemorativas da forma como as encontramos no cotidiano da creche?

Conforme já mencionado, os documentos que norteiam a prática educativa na educação infantil, como as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (2010) e a “Base Nacional Comum Curricular” (2017), não trazem o termo “datas comemorativas” em seus textos, portanto não há fundamentação explícita com relação à utilização das datas comemorativas como base para o desenvolvimento de propostas pedagógicas nessa fase.

Quando questionadas acerca dos motivos que levam a essa prática, em pergunta aberta, algumas professoras apontaram uma preocupação com a manutenção da história e das conquistas que as datas representam. Cabe questionar que conquistas, alcançadas por quem, são essas?

Retomamos aqui o alerta que Adichie (2009) traz acerca do perigo de uma única história definida por aqueles que detém o poder, que escolhem como contar as suas próprias histórias e as histórias dos subjugados. Contamos às nossas crianças as histórias dos portugueses que “descobriram” o Brasil, vangloriando-os, enquanto a história dos povos originários é esquecida e seus descendentes tratados de forma preconceituosa como afirma Munduruku (2017).

Outra preocupação aparente entre as professoras participantes é relacionada à cultura, cultura popular e às tradições, que apareceu tanto na questão acerca do motivo de trabalhar a partir de datas comemorativas, como na questão sobre a opinião delas sobre as datas comemorativas.

A proposta pedagógica na educação infantil deve ter essa mesma preocupação, pois conforme as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil” (2010, p. 27) é necessário que a partir de interações e

brincadeiras existam experiências que “propiciem a interação e o conhecimento pelas crianças das manifestações e tradições culturais brasileiras”. Nos perguntamos então se as práticas que têm sido desenvolvidas pelas professoras respeitam e partem dos eixos das interações e brincadeiras. Infelizmente não questionamos de que formas as datas comemorativas são desenvolvidas, no entanto, percebemos que o termo “brincadeiras” foi citado somente por duas respondentes, porém sem afirmarem que as utilizam como fio condutor de suas práticas:

“Precisamos focar mais, no desenvolvimento das crianças, nas brincadeiras ao ar livre. As datas tem importância mínima.” (P4, 2021)

“Quando fiz magistério elaboramos uma pasta utilizando nossa criatividade para cada data comemorativa. E quando fiz Pedagogia nos estágios elaborávamos brincadeiras relacionadas às datas comemorativas.” (P14, 2021)

A partir da última fala, nos voltamos agora para a formação das participantes. Quando questionadas acerca de sua formação somente 6 responderam terem feito magistério, porém, pelo menos 7 professoras trouxeram seus relatos sobre experiências durante a realização do magistério, sendo que 5 relataram a elaboração de pastas:

“No magistério fazíamos pasta de datas comemorativas.” (P8, 2021)

“Quando fiz magistério elaboramos uma pasta utilizando nossa criatividade para cada data comemorativa.” (P14, 2021)

“Sim, no magistério o plano de aula pautado nas datas comemorativas. Incluindo a elaboração de uma pasta com as datas comemorativas.” (P11, 2021)

Cabe refletir se as professoras ainda se apegam a essas práticas que construíram sua formação inicial mesmo que o que se espera da educação infantil tenha avançado e se desprendido dos moldes antigos, presos em uma pedagogia transmissiva. Além disso, também cabe perguntar se as professoras que não fizeram magistério, mas trabalham com datas comemorativas, também estão ligadas a essa prática por terem acompanhado esses processos durante seus estágios supervisionados.

Algumas das participantes fazem a seguinte colocação em relação a esse tema:

“No antigo magistério fazíamos uma pasta com atividades impressas para cada data (as mais absurdas □ □ □ □) E na faculdade isso jamais foi questionado... Ainda bem que a busca de formação pessoal mudou minha visão!” (P6, 2021)

“Após ampliar o estudo, tenho questionado muito sobre a necessidade de trabalhar com as datas. Atualmente reflito qual a intenção!!” (P11, 2021)

“Acredito que todo profissional da área é um pesquisador e nos dias de hoje não podemos ficar nos moldes passados, à temas que devem sim ser trabalhados nas escolas, mas através de uma nova ótica, respeitando e incluindo a todos de forma clara e lúdica!” (P1, 2021)

Podemos compreender então que algumas das professoras respondentes têm refletido acerca do uso das datas comemorativas na educação infantil. A partir de formação continuada em seus estudos particulares perceberam a necessidade de uma mudança em relação à forma como o trabalho a partir das datas comemorativas tem sido realizado.

Assim, voltamos nosso olhar para aquelas que responderam que não trabalham a partir de datas comemorativas. Conforme dado obtido, 2 respondentes (6,9%) afirmaram não trabalhar, enquanto que 58,6% das professoras, ou seja, 17 delas, responderam que às vezes realizam propostas a partir de datas comemorativas. Quando perguntamos “Se não trabalha, por quê?”, 4 professoras responderam a questão aberta. Comentaremos a fala de duas delas.

“Porque acredito que o currículo da educação infantil deve emergir das expectativas infantis” (P6, 2021)

“Por mais esforço que façamos, para a criança não há sentido”. (P10, 2021)

Na questão “Você gostaria de escrever mais sobre o assunto ou relatar algum acontecimento relacionado às datas comemorativas em sua carreira?”, outra professora coloca que “A proposta sempre foi construir com as crianças um processo” (P15, 2021).

A partir desses posicionamentos percebemos que existe em algumas professoras participantes a preocupação com a criança e o que é

significativo para ela. Notamos então que as falas acima estão muito ligadas com ideias da pedagogia participativa, que conforme Oliveira-Formosinho (2007, p. 16), tem por objetivo envolver a criança no “processo de aprendizagem”, assim como “dar significado à experiência”. Corroborando com essa ideia, outras professoras trouxeram posicionamentos semelhantes, conforme segue:

“São trabalhadas na maioria das escolas, por tradição, comodismo e falta de reflexão da prática e aprofundamento das teorias.” (P6, 2021)

“Fora de contexto não há sentido.” (P8, 2021)

“No passado trabalhei bastante, mas hoje percebo que datas comemorativas, são irrelevantes na educação infantil. Para o professor pode ser mais cômodo na hora de planejar mas para a criança sem sentido” (P10, 2021)

Conforme Marcolino e Santos (2021), citadas anteriormente, ao colocarmos a criança como centro do processo, ela estará no centro do currículo, e portanto, do planejamento. A partir das falas acima, percebemos que ao se colocar as datas comemorativas no planejamento, professoras ignoram a criança e seus direitos, focando no saber do adulto e em suas escolhas acerca do que é importante, enraizando a pedagogia tradicional, em vez de romper com ela.

Embora notamos que algumas trazem essas reflexões acerca da prática pedagógica, do planejamento, do quão significativo é para a criança, conforme já analisamos, muitas ainda acreditam que o trabalho com datas comemorativas é importante na educação infantil. Assim, percebemos que faz-se necessário que as creches, escolas, gestão escolar e professoras desapeguem-se dessas práticas que continuam sendo reproduzidas por tradição e por expectativa dos adultos, numa reprodução ano a ano do que é feito há décadas, deixando de lado a criança e seus direitos. Conforme Monção (2019, p. 175),

Considerar a criança como um ser capaz e como sujeito de direitos possibilita olhá-la em seu momento atual e não como um vir a ser, além de contribuir para romper com o adultocentrismo presente historicamente na organização e estrutura das creches e pré-escolas brasileiras.

De acordo com o apontado anteriormente por Ostetto (2000) e Maia (2011), pudemos perceber que o trabalho desenvolvido a partir de datas comemorativas e a tradição das “lembrancinhas” tem persistido na educação

infantil, tomando tempo de professoras, auxiliares e estagiárias para produzir algo muitas vezes sem a participação ou com participação mínima da criança, enquanto que o tempo de qualidade, observação e escuta ativas com as crianças fica de lado.

Com relação às “lembrancinhas” e a especificidade do trabalho docente obtivemos uma fala de uma das professoras participantes:

“Percebo que nos anos anteriores as crianças curtiam sair com alguma lembrança referente a data comemorada, porém atualmente, pelo menos nas escolas particulares, as crianças não dão mais tanta importância. Por vezes passei a noite elaborando as lembranças e ao sair do colégio para ir embora, encontrei várias jogadas no pátio ou até mesmo na calçada. Muito triste!” (P24, 2021)

Comentamos previamente que entre as pesquisas de Ostetto (2000) e Maia (2011) já havia se passado uma década e as mesmas práticas de confecção de “lembrancinhas” continuavam sendo feitas, para então encontrarmos a mesma realidade em nossos dados de uma década após a pesquisa realizada por Maia (2011). Conforme as autoras, a prática das “lembrancinhas” se repete ano a ano, num trabalho sem reflexão por parte da professora, que não considera se esse feito é enriquecedor para as crianças.

A partir da fala acima da P24, podemos questionar o porquê das crianças não darem importância para as lembranças produzidas por outras pessoas. Se as crianças tivessem feito parte do processo todo, desde a contextualização, na escolha dos materiais a serem utilizados, da produção e assim compreendendo o motivo daquilo que estava sendo produzido, questionamos se dariam importância para o produto final, feito por elas mesmas, com significado e esforço?

Além disso, Ostetto (2000), inclui em sua fala os ensaios de dancinhas e teatros também realizados sem reflexão por parte da professora. Com relação a esse tema, Rocha (2022), já citado anteriormente, mostra que durante a Era Vargas essas práticas já aconteciam:

[...] os professores, além de preparar e ministrar as disciplinas, corrigir as atividades, adquiriram mais algumas funções pedagógicas como: organizar, preparar, ensaiar, dirigir a execução dos eventos, sempre baseando-se nas orientações do Diretor Geral. Aos alunos caberiam aprender sobre o civismo e o patriotismo ensaiando, decorando e

entoando os hinos pátrios, produzindo e recitando as poesias e os poemas, observando e executando a postura e a cadência de passos ideais, trajados com uniforme exigido e assistindo as outras turmas da instituição escolar [...] (ROCHA, 2022, p. 59-60)

Percebemos então que na prática nossa educação está presa em moldes antigos e tradicionais, ligados profundamente a uma pedagogia transmissiva onde a criança não tem espaço e nem direitos. No entanto, os documentos que regem o trabalho na educação infantil foram ganhando novas visões, assim como podemos encontrar nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil a definição de criança como já mencionada anteriormente.

Dessa forma, percebemos que os documentos trazem a criança como centro ou pelo menos parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, porém é necessário que haja mais reflexão por parte das professoras e da comunidade escolar como um todo para que bons resultados possam ser alcançados.

Agora voltamos nosso olhar para o “Dia do Índio”. Em relação a essa data recebemos a seguinte fala:

“Creio que a abordagem feita por algumas escolas, leva a reprodução errônea de estereótipos. Como por exemplo, é comum ver que no “Dia do Índio” as crianças vão embora da escola com o rosto pintado e com um cocar na cabeça, porém, sem entender o contexto da história dos indígenas. Na escola em que trabalho, não acontece tais situações, porém, na minha infância vivenciei e, enquanto educadora, presenciei de outras escolas. Para além disso, há outras datas que ao menos são trabalhadas e, quando feitas, seguem um caminho que distorce a história ou transmitem religiões e estereótipos”. (P26, 2021)

Notamos que a professora tem consciência do perigo acerca da forma como a data tem sido abordada durante anos. O relato da professora respondente vai de encontro com o mesmo tipo de prática encontrado por Maia (2011) em sua pesquisa, em que as crianças também tiveram seus rostos pintados e usaram “cocares” em suas cabeças, numa prática que promove estereótipos e afasta as crianças de conhecerem a realidade dos indígenas brasileiros.

Além disso, outro ponto que as professoras participantes trouxeram é referente ao excesso de comercialização que algumas datas sofrem, causando

um impacto na visão das crianças, além dos motivos reais para a existência da data acabarem se perdendo.

“Algumas são importantes por fazerem parte da história, já outras como Páscoa , dia das mães, dia dos pais, são datas comercializadas demais, acabam perdendo a essência real ... A mídia acabou com o significado ao longo dos anos .” (P29, 2021)

“Estão demais de comercializadas e ensinam uma realidade falsa para crianças.” (P5, 2021)

“Na minha opinião, as datas comemorativas devem ser trabalhadas em sala, pois muitas delas são também datas comerciais e precisamos mostrar as crianças um outro lado além do que envolve o dinheiro, o consumo.” (P20, 2021)

De acordo com Roveri e Pereira (2016, p. 159), as crianças “são vistas como uma oportunidade comercial para a fabricação e venda de produtos, tornando-se responsável por inúmeras decisões de compra no lugar dos adultos”. Compreendemos que as crianças são alvos das publicidades constantemente, e as datas comemorativas colocam em foco o consumismo, assim, podemos notar nas falas das professoras uma preocupação com os efeitos das formas de abordar as temáticas das datas comemorativas na educação infantil.

Com relação ao “Dia das Mães”, “Dia dos Pais” e “Dia da Família”, 12 professoras apontaram trabalhar com os dois primeiros, e 3 professoras trouxeram o último na questão sobre outras datas comemoradas além das que trouxemos. Com relação a essa temática obtivemos algumas falas:

“Não acho que deveria ser exigido, como é, principalmente dia dos pais e mães (que já abolimos na minha escola), pois muitos ã têm.” (P4, 2021)

“Acho importante esse movimento de não rotular pai e mãe, de todas as datas, marca muito os pequenos. Já tive crianças de abrigos que tinham que cantar p os pais dos amigos. Outra do maternal que a mãe morreu de CA de mama e era obrigada ensaiar pq a diretora queria. Lamentável.” (P7, 2021)

“Dia das mães importante, uma expectativa para muitas mães, mas um sofrimento para diversas crianças.” (P13, 2021)

“Valorizamos bastante em nossa escola a festa da família, onde programamos um dia especial para várias atividade envolvendo a

família com a escola para tentarmos um parceria amistosa com a comunidade.” (P23, 2021)

Percebemos pela fala da professora P23 que o “Dia da Família” pode gerar uma proximidade entre escola e família, no entanto, a escola e a creche não precisam e nem deveriam esperar por um dia específico para envolver as famílias no processo em que seus pequenos se encontram. Além disso, essa prática, assim como as comemorações de “Dia das Mães” e “Dia dos Pais”, como exposto por algumas professoras, coloca crianças órfãs em situações que podem gerar tristeza e traumas, desrespeitando os direitos da criança.

7. DATAS COMEMORATIVAS E O POSICIONAMENTO DAS PROFESSORAS: AMBIGUIDADES DE UMA PRÁTICA

A presença das datas comemorativas na educação como um todo, e especificamente na educação infantil, tem perdurado durante décadas. Compreendemos que o fazer pedagógico que se inicia a partir das visões do adulto e não leva em consideração os direitos e visões das crianças propaga uma pedagogia tradicional/transmissiva. Assim, nossas crianças têm sido expostas e sujeitadas a práticas desprovidas de reflexão e intencionalidade que desconsideram suas necessidades, interesses e não promovem uma educação democrática que instiga e propicia novas experiências, vivências e aprendizagens.

Nossa pergunta inicial para a presente pesquisa foi “de que formas as professoras compreendem as datas comemorativas na educação em relação à sua relevância para as crianças e para elas mesmas?”. Por meio da aplicação do questionário, pudemos perceber que enquanto algumas compreendem que o trabalho pedagógico a partir de datas comemorativas precisa ser revisto, outras acreditam que seja de grande importância.

Por meio da leitura e análise realizadas compreendemos que das 29 respondentes, 15 afirmaram que, com ou sem ressalvas, consideram o trabalho com as datas comemorativas importante ou relevante, enquanto que 9 trouxeram questionamentos e, as demais não compartilharam suas opiniões.

Dentre as 29, somente 2 afirmaram não trabalhar a partir das datas comemorativas, pois não consideram que seja relevante para a criança ou porque acreditam que o currículo deve revelar-se a partir das expectativas infantis.

Além disso, obtivemos resultados que indicam que o trabalho com datas comemorativas é realizado devido à exigência da escola ou creche e até mesmo da Secretaria de Educação ao impor algumas datas no calendário escolar, de maneira que a proposta pedagógica passa a incorporar as datas comemorativas.

Pudemos compreender que a questão das datas comemorativas na educação infantil é muito mais complexa do que pode parecer num primeiro momento, pois envolve a visão de educação que a professora, a gestão escolar e até mesmo a Secretaria da Educação do município possuem. Se as leis e documentos oficiais que regem o trabalho na educação infantil preveem uma gestão democrática, que engloba toda a comunidade escolar, por que temos encontrado dados que nos mostram uma verticalidade nesse processo, tirando o espaço para debate, reflexão e decisão coletiva? E onde fica a criança nesse processo? Esquecida, não-ouvida, sem espaço?

Precisamos encontrar no cotidiano da creche e escola uma realidade que englobe o que os documentos e leis trazem acerca da educação infantil e do trabalho pedagógico relacionado às datas comemorativas. A gestão escolar necessita ser democrática para acolher a toda comunidade escolar. A criança, sujeito de direitos, precisa aparecer, participar, refletir, sugerir, questionar o processo pedagógico. As professoras devem estar preparadas para ouvir, observar, questionar, adaptar e incorporar as demandas das crianças às suas propostas pedagógicas. Dessa forma, vamos nos distanciando de uma pedagogia tradicional e transmissiva, para progredirmos à uma pedagogia da infância, uma pedagogia participativa.

Apesar do documento “Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças” (2009, p. 27) trazer que as crianças participam de “comemorações e festas tradicionais da cultura brasileira: carnaval, festas juninas, natal, datas especiais de nossa história”,

podemos perceber a partir da presente pesquisa que é necessária uma maior reflexão a respeito dessa temática por parte de toda a comunidade escolar ligada à educação infantil.

Dessa forma, fica evidente a necessidade de que mais pesquisas sobre o tema das datas comemorativas na educação infantil sejam realizadas, para que tenhamos acesso a mais dados e possamos compreender de que formas essa questão aparece em outras realidades.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 04 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças**. 6.ed. Brasília : MEC, SEB, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>. Acesso em: 04 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 04 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. **Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008**. Altera a lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n.10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 20 ago. 2022.

BOSISIO, Izabella. Religião, cultura, nação: articulações possíveis a partir de três datas comemorativas. **Horizontes Antropológicos** [online]. 2018, v. 24, n. 52, pp. 199-221. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000300008>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTEF, 2012.

DE FREITAS, Ana Lúcia; SILVA, Antonio Fernando Gouvêa da; SANTOS, Maria Walburga dos. DOSSIÊ DEMOCRACIA PARTICIPATIVA E EDUCAÇÃO CIDADÃ: LEGADOS E REINVENÇÃO (OU TEMPOS PARA ESPERANÇAR). **Crítica Educativa**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1–18, 2020. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/488>. Acesso em: 10 mai. 2021.

FERREIRA, Eduardo. Loris Malaguzzi. Histórias, Ideias e Filosofias Básicas. Diálogos Sem Fronteiras. <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/blog/loris-malaguzzi-historias-ideias-e-filosofias-basicas>. Acesso em 06 dez. 2021.

JUNIOR, Eduardo Brandão Lima et al. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da FUCAMP**, v. 20, n. 44, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 17 jul. 2022.

KRONBERGER, N.; WAGNER, W. Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In: Bauer, M. B., Gaskell, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som - um manual prático**. (pp. 416-441). Petrópolis: Vozes, 2002.

MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. Educação Infantil - Com quantas datas se faz um currículo? **Dissertação** (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://grupoinfoc.com.br/publicacoes/mestrado/m08.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

MAIA, Marta Nidia Varella Gomes. Educação Infantil – Currículo da Educação Infantil e Datas Comemorativas: O que dizem profissionais e crianças. **Tese** (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=33748@1>. Acesso em: 16 abr. 2021.

MARCOLINO, S.; SANTOS, M. W. dos . A brincadeira como princípio da prática pedagógica na educação infantil: brincar, participar, planejar. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 13, n. 33, p. 287–311, 2021. DOI: 10.28998/2175-6600.2021v13n33p287-311. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/12684>. Acesso em: 20 jul. 2022.

MELO, A. DE; RIBEIRO, D.; DOMINICO, E. Interculturalidade e a temática indígena na educação infantil. **Acta Scientiarum. Education**, v. 42, n. 1, p. e43470, 13 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/43470>. Acesso em: 05 fev. 2022.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. Educação Infantil e Gestão Democrática: Desafios do Cotidiano para a Garantia dos Direitos das Crianças. **Comunicações**. Piracicaba, v. 26, n. 3 p. 167-189, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/4293>. Acesso em: 20 ago. 2022.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores. 1ª ed. Lorena, SP: UK'A Editorial, 2017. 144 p.

NETTO, C.; SPAGNOLO, C.; FLORENTINO, J.; AMARAL, L.; ZANCAN, S.; PORTAL, L. L. F. Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. **Educação Por Escrito**, v. 3, n. 1, 24 jul. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/11025>. Acesso em: 05 mai. 2021.

OLIVEIRA, Rosa Maria Moraes Anunciato de. **Ensino e aprendizagem escolar - Algumas origens das ideias educacionais**. São Carlos : EdUFSCar, 2009.

80 p. (Coleção UAB-UFSCar). Disponível em:
http://livresaber.sead.ufscar.br:8080/jspui/bitstream/123456789/2755/1/Pe_Rosa_Ensi_noAprendizagem.pdf. Acesso em: 06 jun. 2021.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia. Pedagogia(s) da infância: reconstruindo uma práxis de participação. *In*: OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezato (Orgs.). **Pedagogias(s) da infância: dialogando com o passado: construindo o futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia; PASCAL, Cristine. **Documentação Pedagógica e avaliação na educação infantil: um caminho para a transformação**. Porto Alegre: Penso, 2019.

ROCHA, Diego Tadeu de Oliveira. Moldando a nova Pátria: o ensino primário na construção do patriotismo e civismo em Angatuba/SP (1930-1945). 2022. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15791>. Acesso em 26 jun. 2022.

ROVERI, Fernanda; PEREIRA, Ana Carolina Martins dos Santos. Mídia, consumo e publicidade: Refletindo sobre o brincar na educação infantil. **Espaço Pedagógico**. v. 23, n. 1, Passo Fundo, p. 157-170, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/6362/pdf>. Acesso em: 03 set. 2022.

SANDERSON, Brandon. *The Way of Kings*. New York: Tor, Tom Doherty Associates, jun. 2011.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**. 2017, v. 00, n. 65, pp. 149-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.47454>. Acesso em 01 ago. 2022.

APÊNDICE A - TCLE

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Olá docente! Meu nome é Priscila, sou estudante do curso de Pedagogia da UFSCar Sorocaba, RA 745381, minha orientadora é a Prof. Dra. Maria Walburga dos Santos. Sou estudante do curso de Pedagogia da UFSCar Sorocaba. Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Datas comemorativas na educação infantil: opiniões de professoras”, desenvolvida como tema de TCC da graduação em Pedagogia da UFSCar Sorocaba, porque é professora na Educação Infantil em Sorocaba/SP. A decisão em participar desta pesquisa é sua, portanto leia atentamente as informações a seguir. Esta é uma pesquisa virtual, os riscos em participar são mínimos. Você pode não responder todas as questões caso se sinta cansada, como também pode voltar a responder em outro momento. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum risco ou prejuízo a você. Se você concordar em participar desta pesquisa, basta assinalar a opção “Sim, desejo participar desta pesquisa” ao final deste texto. Se não concordar em participar ou desejar desistir, isso poderá ser feito a qualquer momento e sem nenhum prejuízo a você. Se tiver qualquer dúvida a respeito da pesquisa, pode esclarecê-la entrando em contato com a responsável através do email. O tempo necessário para responder o questionário é de aproximadamente 5 minutos. A participação consiste em responder um questionário sobre sua experiência na educação infantil, assim como sobre o trabalho pedagógico desenvolvido a respeito das datas comemorativas nesse contexto, sem a necessidade de se identificar. Esclarecemos que quem optar por participar da pesquisa nunca terá suas informações como nome e contato divulgadas, pois há sigilo em relação a essas informações e não temos acesso a elas. Sua participação é de extrema importância para o avanço do conhecimento científico em relação às datas comemorativas na educação infantil, mas a escolha em participar é sua. Se você considera que está suficientemente informada a respeito da pesquisa e concorda de livre e espontânea vontade em participar, assinale a opção e prossiga para o questionário. Você considera que está suficientemente informada a respeito da pesquisa e deseja participar dela de livre e espontânea vontade?

APÊNDICE B - Questionário

1 - Você atua em:

Instituição Pública
Instituição Privada
ONG
Creche de gestão compartilhada

2 - Você se identifica como:

Mulher
Homem
Não-binário
Prefiro não responder

3 - Em qual faixa etária você se encontra?

18 a 29 anos
30 a 39 anos
40 a 49 anos
50 a 59 anos
60 anos ou mais

4 - Você se autodeclara como:

Preto
Pardo
Branco
Indígena
Amarelo
Prefiro não responder

5 - Qual sua formação?

Magistério
Pedagogia
Outra licenciatura

6 - Se outra licenciatura, qual?

7 - Sua graduação ocorreu em uma instituição pública ou privada?

Pública
Privada

8 - Você fez pós-graduação? Se sim, qual? Relate na caixa de texto abaixo qual o tema de sua pesquisa, por gentileza.

Especialização em curso

Especialização concluída
Mestrado em curso
Mestrado concluído
Doutorado em curso
Doutorado concluído
Pós-Doutorado em curso
Pós-Doutorado concluído
(Espaço para o tema da pesquisa)

9 - Há quanto tempo atua na educação infantil?

5 anos ou menos
6 a 10 anos
11 a 20 anos
21 a 25 anos
26 a 30 anos
30 anos ou mais

10 - Em sua prática pedagógica você trabalha com datas comemorativas?

Sim
Não
Às vezes

11 - Se sim, trabalha porque

Faz parte da proposta pedagógica da escola ou creche
Minhas colegas trabalham e por isso realizo as mesmas atividades
Por tradição
Porque é uma expectativa das famílias

12 - Se não, por quê?

13 - Quais dessas datas você trabalha?

Carnaval
Dia da Água
Páscoa
Dia do Índio
Descobrimento do Brasil
Dia das Mães
Dia dos Pais
Folclore
Independência do Brasil
Dia da Árvore
Dia das Crianças
Dia dos Professores
Halloween
Consciência Negra
Natal

14 - Há alguma outra não mencionada que você trabalhe?

15 - Na sua formação você teve conteúdos relacionados a datas comemorativas?

Sim

Não

16 - Gostaria de relatar?

17 - Qual é a sua opinião a respeito das datas comemorativas?

18 - Você gostaria de escrever mais sobre o assunto ou relatar algum acontecimento relacionado às datas comemorativas em sua carreira?

Agradecemos por ter disponibilizado seu tempo e contribuído para a construção dessa pesquisa! Sua colaboração foi muito importante! Se desejar saber dos resultados da pesquisa, entre em contato com a pesquisadora através do email.